



Cursos: ***ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS***

Disciplina: **COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO**

Prof^a Dra. Adriane Belluci Belório de Castro

e-mail: acastro@fatecbt.edu.br

1º semestre de 2018

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Comunicação e Expressão

Carga horária: 80h/a

Ementa: Visão geral da noção de texto. Diferenças entre oralidade e escrita. Leitura, análise e produção de textos de interesse geral e de administração (cartas, relatórios, correios eletrônicos e outras formas de comunicação escrita e oral nas organizações). Coesão e coerência textuais. Diferentes gêneros discursivos.

Objetivos gerais e específicos:

- Identificar os processos linguísticos específicos e estabelecer relações entre os diversos gêneros discursivos para elaboração de textos escritos que circulam no âmbito empresarial.
- Desenvolver hábitos de análise crítica de produção textual para poder assegurar sua coerência e coesão.
- Aprimorar a competência e a atuação linguística no uso do nível formal da língua portuguesa, tanto na modalidade escrita quanto na oral, com o enfoque em uma comunicação eficaz.
- Diferenciar linguagem oral de linguagem escrita.
- Refletir sobre variados níveis de leitura para os diferentes gêneros.
- Estabelecer relações entre os diversos gêneros discursivos e seu funcionamento na produção escrita.
- Identificar fatores de coerência e coesão no processamento cognitivo e na estruturação do texto escrito.
- Desenvolver a comunicação oral com eficiência.

Conteúdo:

- ✓ Estrutura e funcionamento da comunicação.
- ✓ Comunicação oral e escrita: diferenças.
- ✓ Técnicas de leitura: da decodificação à análise crítica de diferentes gêneros textuais.
- ✓ Produção de textos: coesão e coerência.
- ✓ Textos administrativos e empresariais.
- ✓ Técnicas de oratória.
- ✓ Tópicos gramaticais.

Metodologia:

- Aulas expositivo-dialogadas. Dinâmicas.
- Atividades individuais e coletivas: projetos, pesquisas, debates, leituras prévias, exercícios orais e escritos.

Avaliação:

- Provas escritas.
- Diário de pesquisa e leitura: fluxograma e crítica de textos pesquisados sobre tema da exposição oral.
- Portfólio de produção de textos diversificados: atividades de análise e de produção textual.
- Exposição oral de um tema ligado à área de formação do aluno.

Bibliografia básica:

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo de acordo com a nova ortografia**. São Paulo: Lexikon, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2009.

MARTINS, D.S.; ZILBERKNOP. **Português instrumental**: de acordo com as atuais normas da ABNT. São Paulo: Atlas, 2009.

Bibliografia Complementar:

CASTRO, A.B.B. et al. **Os degraus da produção textual**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

_____. **Dos alicerces da leitura à construção do texto**. Bauru, SP: EDUSC, 2013.

GOLD, M. **Redação empresarial**: escrevendo com sucesso na era da globalização, São Paulo: Makron Books, 2001.

MEDEIROS, J.B. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 2000.

NEIVA, E. G. **Moderna redação empresarial**. São Paulo: IOB-Thomson, 2004. (Col. Prática IOB, v. 12).

Sites para consulta:

www.eunicemendes.com.br

<http://revistalingua.uol.com.br>

www.reinaldopolito.com.br

SUMÁRIO

1) COMUNICAÇÃO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	5
2) LEITURA	12
3) ROTEIRO PARA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS CIENTÍFICOS E FILOSÓFICOS.....	24
4) COERÊNCIA.....	26
5) COESÃO TEXTUAL: CONECTIVOS.....	28
6) GÊNERO ARGUMENTATIVO	38
7) ESTILO E LINGUAGEM DA COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL	48
8) PRINCIPAIS EMPECILHOS NA REDAÇÃO EMPRESARIAL: OS VÍCIOS	50
9) REDAÇÃO EMPRESARIAL	53
10) COMUNICAÇÃO ORAL	56

1) COMUNICAÇÃO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Comunicação:

- Uma necessidade básica do ser humano.
- A base de todas as formas de organização social.
- Canal pelo qual padrões de vida (cultura) são transmitidos ao indivíduo.
- Rede entre os membros de um grupo.
- Forma de relacionamento com o mundo, com a “realidade”, com o outro.
- Confunde-se com a própria vida.

Linguagem:

- Forma (meio) de comunicação que pode ocorrer de forma verbal (aquela que utiliza palavras, sendo escrita ou oral) ou não verbal (aquela que utiliza outros meios narrativos que não os vocábulos, como placas, gestos, cores, sinais etc.).
- Sistema de signos cuja finalidade é a comunicação.
- Atividade simbólica (opera com elementos que “representam a realidade”, sem, contudo, constituírem eles a realidade em si mesma).

Língua: Sistema de signos convencionais usados pelos membros de uma mesma comunidade. Como sistema, possui as seguintes características: sistemático (regularidade); subjacente; potencial; supraindividual (coletivo).

Fala: Uso individual da Língua que é feito por um falante (sujeito) em cada uma de suas situações comunicativas concretas. Apresenta os seguintes aspectos: assistemático (variedade); concreto; real; individual.

Norma: Conjunto de realizações da língua por um grupo de falantes.

Variação Linguística:

É um fenômeno natural. Há vários fatores que promovem a ocorrência das variantes linguísticas, entre eles:

- Geográficos: falares/dialetos/regionalismos.
- Sociais: grau de escolaridade; formação; idade (gíria).
- Profissionais: linguagens técnicas (jargão).
- Situacionais: formalidade; informalidade.

Variação { **diacrônica** (através do tempo)
diatópica (do grego *dia* = através de; *topos* = lugar)
diastrática (variação encontrada ao se comparar diferentes estratos da população)
diamésica (variação associada ao uso de diferentes meios ou veículos)

↓
 língua falada / língua escrita - diferentes tipos de textos (ensaio científico, jornal, revista grupos de *chat*, discurso político, documentos empresariais, internet...)

“Pois é. U português é muito fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixatamenti cumu si fala. Num é cumu inglês qui dá até vontadi di ri quandu a genti descobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im português, é só prestátenção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevi muito diferenti. Qui bom qui a minha língua é u português. Quem soubé falá, sabi iscrevê.”
 (Jô Soares, **Veja**, 28 de novembro de 1990.)

Toda língua possui variações linguísticas. Elas podem ser entendidas por meio de sua história no tempo (variação histórica) e no espaço (variação regional). As variações linguísticas podem ser compreendidas basicamente a partir de três diferentes fenômenos.

1) Em sociedades complexas convivem variedades linguísticas diferentes, usadas por diferentes grupos sociais, com diferentes acessos à educação formal; note que as diferenças tendem a ser maiores na língua falada que na língua escrita;

2) Pessoas de mesmo grupo social expressam-se com falas diferentes de acordo com as diferentes situações de uso, sejam situações formais, informais ou de outro tipo;

3) Há falares específicos para grupos específicos, como profissionais de uma mesma área (médicos, policiais, profissionais de informática, metalúrgicos, alfaiates, por exemplo), jovens, grupos marginalizados e outros. São as gírias e os jargões.

Enfim, as variações linguísticas revelam o perfil dinâmico da língua.



Fonte: <http://www.portugues.com.br/gramatica/os-diversos-falares-regionais-um-olhar-curioso.html>

Expressões típicas da Região Norte do Brasil:

Expressões	Significado
De rocha	Palavra ou assunto com convicção
Égua de largura	Muita sorte
Essa é da grife do varal	Roupa roubada
Levou o farelo	Morreu
Miudinho	Pequeno
Paga uma aí	Paga uma bebida
Vigia bem	Preste muita atenção
Umborimbora?	Vamos embora?
Zé ruela	Abestado, besta

Fonte: <http://www.portugues.com.br/gramatica/os-diversos-falares-regionais-um-olhar-curioso.html>

Expressões típicas do Nordeste brasileiro:

Expressões	Significados
Baixa da égua	Lugar aonde ninguém quer ir, lugar muito longe
Balaio de gato	Desorganização, confusão
Bater a caçuleta	Morrer
Cambito	Perna fina
Cão chupando manga	Pessoa muito feia
Caxaprego	Lugar muito distante
Dar o prego	Enguiçar
Dar pitaco	Dar opinião
Encangado	Em cima, montado
Ensacar	Pôr a blusa dentro da calça
Fastiado	Sem fome
Fez mal	Engravidou alguém
Gaia	Chifre
Invocado	Corajoso ou “muito bom”
Jerimum	Abóbora
Liso	Sem dinheiro
Mangar	Ridicularizar
Nome feio	Palavrão
Pastorar	Vigiar
Quenga	Prostituta
Racha	Pelada, jogo de futebol ou disputas em geral
Sustança	Energia dos alimentos
Triscar	Tocar
Varapau	Homem alto
Xanha	Coceira na pele
Zambeta	De pernas tortas

Expressões usadas no Sul do Brasil:

Expressões	Significados
Alçar a perna	Montar a cavalo
Campo santo	Cemitério
Embretar-se	Meter-se em apuros
Guacho	Animal ou pessoa criada sem mãe ou sem leite materno
Lindeiro	Ao lado de, vizinho
Maleva	Bandido, malfeitor, perverso
Olada	Ocasão, oportunidade
Parada	Importância em dinheiro pela qual se contrata uma corrida de cavalos ou uma rinha de galos
Relho	Chicote pequeno com cabo de madeira e cabo torcido
Solito	Isolado, sozinho, sem companhia
Tirana	Cantiga e dança popular, acompanhada de viola. Variedade do fandango.

Exercícios:

1. Numa movimentada praça, um pivete “tromba” com um senhor idoso, tira-lhe a carteira e corre para uma viela entre dois edifícios. Conte este fato:

- a) do ponto de vista da vítima
- b) do ponto de vista de uma testemunha
- c) do ponto de vista de um policial
- d) do ponto de vista do pivete

2. A partir dos textos abaixo, crie outros três que apresentem tipos sociais e caracterizem seus respectivos estilos linguístico-discursivos:

(O estilo de cada um – várias pessoas descrevendo um lago, segundo seu ponto de vista profissional)

O Advogado – Aquelas águas meritíssimas se espriavam delituosamente pelas margens. O inocente lago defendia-se assim, legitimamente, da floresta, que, à revelia, desembargava suas árvores pelos arredores sem nenhuma apelação. No alto, as montanhas, com suas togas de neve revestindo o cimo.

O Médico – Aquele lago me deixou um dia agnóstico. Sua beleza era selvagem como uma crise aguda e suas águas viviam permanentemente em estado comatoso. O vento, como um bisturi, cortava a superfície das águas escarlatinadas pelo mercúrio cromo que cobria todo o céu no pôr-do-sol.

O Burocrata – Prezado Sr., quando olhei para o céu, vi nuvens que seguiam anexas atenciosamente por sobre o monte abaixo assinalado, que ciente de sua participação na paisagem, pedia deferimento respeitosamente para a floresta, que nestes termos, se estendia por todo o vale, refletindo-se nas respeitosas e desde já agradecidas águas do lago.

O Hippie – Entende... era um negócio legal. Aquele lago muito na sua, curtindo um vale cheio de erva, sacou? O vento transava pela cuca das árvores no baratino mais legal, mais chuchu beleza da paróquia.

O Cultural – Não sei se por um fenômeno de aculturação ou se por um processo de amadurecimento, aquele lago se inseria perfeitamente no contexto da natureza circundante e marginal. Achei muito válida a inserção das árvores, dando uma conotação existencial ao pluralismo vegetal que ali estava.

TEXTOS DIVERSIFICADOS (Analise cada texto e sua especificidade linguístico-discursiva)

Texto 1: Urano, seu astro regente, está em paralelo com Vênus, que acentua sua necessidade de amor e união. Este planeta favorece os relacionamentos de amizade, e permite que você estabeleça contatos novos, com pessoas simpáticas e generosas. Evite somente os gastos desnecessários.

Texto 2: As razões de não ser. O que foi que eu pensei? Nas terríveis dificuldades; certamente, meiramente. Como ia poder me distanciar dali, daquele ermo jaibão, em enormes voltas e caminhadas, aventurando, aventurando? Acho que eu não tinha conciso medo dos perigos: o que eu descosturava era medo de errar – de ir cair na boca dos perigos por minha culpa. Hoje sei: medo meditado – foi isto. Medo de errar. Sempre tive. Medo de errar é que é minha paciência. Mal. O senhor fia? Pudessem tirar de si esse medo-de-errar, a gente estava salva. O senhor tece? Entenda meu figurado.

Texto 3:

1. Estacione o veículo convenientemente. Sinalize o local com o triângulo de segurança.
2. Puxe o freio de estacionamento e calce a roda oposta, a fim de evitar qualquer deslocamento.
3. Introduza o macaco no respectivo encaixe quadrado, debaixo do estribo, perto do pára-lama traseiro. Em seguida, acione-o, até que o veículo comece a levantar.
4. Retire a calota, comprimindo-a junto ao aro, em um ponto de seu diâmetro.
5. Solte os parafusos da roda com a chave sextavada, enquanto pneu estiver ainda no solo.
6. Levante o veículo.
7. Acabe de desatarraxar os parafusos e retire a roda...

Texto 4:

Eu não tinha esse rosto de hoje,
 assim calmo, assim triste, assim magro,
 nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo
 eu não tinha estas mãos sem força,
 tão paradas e frias e mortas
 eu não tinha este coração que nem se mostra
 eu não dei por esta mudança tão simples, tão certa, tão fácil
 em que espelho ficou perdida minha face?

Texto 5: Chico e o calo

Texto 6: O pecado. A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. Ela disse à mulher: “É verdade que Deus vos disse: ‘não comais de nenhuma das árvores do jardim?’” E a mulher respondeu à serpente: “Do fruto das árvores do jardim, podemos comer. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus nos disse ‘não comais dele nem sequer o toqueis, do contrário morrereis’”. A serpente replicou à mulher: “De modo algum morrereis. É que Deus sabe: no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal”.

Texto 7: CONTRA-INDICAÇÕES. Na síndrome de Parkinson e outras doenças extrapiramidais. Em pacientes com antecedentes de hipersensibilidade à metoclopramida em nutrízes. A metoclopramida é contra-indicada em pacientes com feocromocitoma, pois pode desencadear uma crise hipertensiva, devido à provável liberação de catecolaminas do tumor. Tal crise hipertensiva pode ser controlada com fentolamina. Em presença de hemorragia gastrointestinal, obstrução mecânica ou perfuração.

Texto 8: Ocorrerá a rescisão do contrato, de pleno direito, no caso de desapropriação, incêndio ou acidente que sujeite o imóvel locado a obras que importem na reconstrução total ou que impeçam o uso do mesmo por mais de 30 (trinta) dias, ou ainda no caso de falência ou concordata do fiador, ou obrigado solidário, não sendo substituído em 15 (quinze) dias por outro idôneo, a critério do locador, ficando o locatário em mora e sujeito a multa contratual e despejo decorridos aqueles dias de tolerância.

PARÁGRAFO ÚNICO: Ocorrerá também a rescisão do presente contrato, se o locatário infringir obrigação legal ou cometer infração contratual ou atrasos nos pagamentos dos aluguéis mensais.

Texto 9: Quando viu que Adama e Evo* tinham comido a expressamente proibida maçã da árvore da Ciência do Bem e do Mal, foi assim que o Senhor falou: “Pois de agora em diante ireis ganhar o pão com o suor do vosso rosto e tereis de sair aí da zona sul e ir morar a leste do Éden, sem parques floridos, nem reservas florestais, sem cascatas no pátio, nem borboletas no closet. E vossa habitação será limitada ao uso que fareis dela, praticamente senzala de vossos corpos. Mas esse não é o castigo. O castigo é que vossos corpos se reproduzirão automaticamente, ao menor contacto, tereis filhos, esses filhos botarão os pés cheios de lama no sofá de vinil comprado em dez prestações, rasgarão as cortinas, riscarão as paredes como aprenderam a fazer na escola permissiva, quebrarão as vidraças ensaiando futuros protestos estudantis, entupirão os ralos das pias, berrarão dia e noite azucrinando a vossa paciência e nunca puxarão a descarga depois de fazerem cocô na privada”. (* Reparem que estou cada vez mais feminista)

Texto 10: O ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, disse ontem à noite que o governo aceitou a ideia de conceder um abono salarial aos trabalhadores de baixa renda. Ele, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, e o ministro do Trabalho e Previdência Social, Antônio Rogério Magri, deverão estabelecer hoje, às 10 h, o valor do abono e a faixa de renda máxima dos trabalhadores que serão beneficiados.

Até a sexta-feira não havia nenhum indício de que o governo pudesse aceitar o abono. Uma das preocupações, expressas insistentemente pelo secretário de Política Econômica, Antônio Kandir, era de que o governo não podia aceitar propostas que “colocassem em risco” as finanças públicas. Nesta lista entrava também o abono, por suas repercussões sobre o caixa da Previdência Social.

Texto 11: S. Carlos

Favor de comprar cerra, lustre move, ajaque, e foco para a porta da sala que esta queimado.

A bassora de barre carçada quebrou o cabo. Na Samtana tem umas boas que eu já ví. A mais barata sempre atura mais tempo. Tem vitamina das pranta.

Tião Marta.

Texto 12: Quando o Mestre e os da cidade viram como se el-rei de Castela partira com suas gentes, e como alçara o cerco de sobre ela, no tempo da sua mais afincada tribulação que era minguia de mantimentos que haver não podiam, foram todos tão ledos com sua partida quando se por escrito dizer não pode, dando muitas graças ao Senhor Deus que daquela guisa se amerceara deles.

E saíram fora da cidade para ver o assentamento do arraial que já era queimado, e acharam muitos doentes naquele mosteiros de Santos que dissemos, e usaram com eles de piedosa caridade, posto que seus inimigos fossem.

Texto 13: **Fulana**....essa pessoa maravilhosa...que qdo eu vi pela primeira vez era bravinha e briguenta heheh mas depois eu vi que realmente ela era uma pessoa maravilhosa bondosa companheiro e amiga e sei q consegui um pedacinho no seu enorme coração. ...agora chega de bajulação hehehe **Fulana** mtas felicidades que Deus continue te iluminando e te abençoando que sua vida seja sempre repleta de mtas vitórias e alegrias bjusss

Texto 14:



2) LEITURA

Texto para reflexão e discussão:

Ler e não entender (e não desconfiar etc.)

Pasquale Cipro Neto

Toda vaca voa. Mimosa voa, portanto, Mimosa é vaca, certo? Errado, caro leitor. Dizer que toda vaca voa não equivale a dizer que tudo que voa é vaca. Se toda vaca voa e Mimosa é vaca, Mimosa voa. Mas, quando se diz que toda vaca voa e que Mimosa voa, não se pode deduzir que Mimosa seja uma vaca. Pode-se, quando muito, dizer que Mimosa talvez seja uma vaca. Talvez; nada mais do que talvez.

Recentemente, grandes figuras de nossos jornais e revistas escreveram sobre relatórios que apontam a grave situação do Brasil no que diz respeito à compreensão de textos. Não sabemos ler. Lemos e não entendemos. Lemos e entendemos o que queremos. Raciocinamos como ostras e montamos relações lógicas absurdas.

Na semana passada, por exemplo, num texto em que discuti o emprego da vírgula, afirmei que, se fosse verdadeira a tese de que "vírgula é para respirar", os asmáticos colocariam uma vírgula depois de cada palavra escrita.

Um leitor (cujo nome não revelarei, por dever cristão) perdeu seu preciosíssimo tempo para insultar-me, dizendo que eu não deveria atrever-me a falar do que não conheço. "Minha avó, que é asmática, lê muitíssimo bem", disse o gênio. E quem disse que asmáticos não sabem ler?

Outro leitor me pediu ajuda. Diz ele que, ao ler o caderno da filha, percebeu que a professora tinha invertido a ordem de um famoso pensamento de Maquiavel. Em vez de "Os fins justificam os meios", a mestra escreveu "Os meios justificam os fins". O leitor diz que enviou um bilhete à professora, mostrando-lhe o equívoco. Na aula, comentando o bilhete, a professora teria dito que, no caso, a ordem não muda nada.

Quer dizer que, quando o governo arma o que arma para acalmar Roseana e o PFL a fim de conseguir que o maior partido da Câmara vote, entre outras matérias, a prorrogação da ultrainfame CPMF, a ordem dos fatores não interessa? Quer dizer que é possível pensar, então, que a prorrogação da CPMF é o meio de que o governo lança mão para dar a Roseana o direito de não responder pelos atos de que é acusada e, assim, aplacar a cólera pefelista?

Cara professora, se de fato a senhora disse o que disse, desdiga, em nome da lógica, da língua e da nossa classe, por favor.

Um dia, participei de um programa de televisão em que se discutia o trote em nossas universidades. Deixei clara - claríssima - minha posição sobre essa atrasadíssima prática da sociedade brasileira. Citei o caso da Faculdade de Medicina da PUC de Sorocaba (atearam fogo em um calouro) e o da USP (um estudante morreu afogado na piscina da faculdade, durante uma festa de arromba para "saudar" os calouros). Disse - e repito - que, em nome de uma "tradição" (estúpida), futuros médicos - cuja razão de ser é a preservação da vida - não têm o direito de promover "festas" de tortura e morte.

Pronto! O telefone da emissora ficou congestionado. Médicos e estudantes de medicina queriam saber o que tenho contra eles e suas escolas. Contra esses, tudo. Se analisarem o quadro dos pacientes como o fizeram em relação a meu depoimento... É isso.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1104200202.htm>

O QUE É LEITURA?

- ferramenta para entender o mundo;
- possibilita o exercício do raciocínio;
- responsável pelas atividades de compreensão, interpretação e reflexão;
- importante para a formação do cidadão, do sujeito social;
- representa poder e possibilita ascensão.

ESTRATÉGIAS DE LEITURA E COMPREENSÃO DE TEXTOS

O exercício da boa leitura exige certos critérios e cuidados. A seguir, apresentamos algumas orientações para garantir um melhor desempenho nesta atividade comunicativa.

DECODIFICAÇÃO E ELABORAÇÃO DE FLUXOGRAMA

- atividade (técnica) de síntese de um texto;
- atenção tanto para o sentido quanto para a estrutura do texto;
- tem por finalidade:
 - a) auxiliar na compreensão do texto;
 - b) facilitar o processo de “memorização” e fixação de informações;
 - c) estimular o raciocínio;
 - d) proporcionar melhor e mais rápida visualização do texto;
 - útil em todas as áreas e campos de conhecimento;
 - organiza-se pelo levantamento de sintagmas (palavras-chave) do texto e a adequada disposição destes no fluxograma;
 - pode ser feita em cores diferentes, com uso de flechas, com espaços para possibilitar a fixação dos principais pontos do texto.
- Procedimentos:
 - a) fazer uma leitura atenciosa do texto, anotando as palavras desconhecidas;
 - b) após resolver os possíveis problemas com o vocabulário, ler novamente o texto e identificar a(s) palavra(s)-chave;
 - c) destacar as ideias-chave do texto;
 - d) organizar espacialmente a palavra-chave, combinando-a com as ideias-chave para estruturar o fluxograma.

RESUMO

O resumo constitui uma forma de reduzir um texto apresentando de maneira concisa e coerente as informações básicas nele contidas.

Etapas no processo de elaboração de um resumo:

1ª Etapa: LEITURA DO TEXTO – Inicialmente leia o texto sem interrupções, com o objetivo de estabelecer um primeiro contato leitor-texto. Nada deve ser anotado ou sublinhado, a fim de que não se perca a ideia mais geral.

2ª Etapa: ANÁLISE DO VOCABULÁRIO – Resolva os problemas de vocabulário. Para isso, procure num dicionário o significado das palavras desconhecidas.

3ª Etapa: ANÁLISE DO TEXTO SUBLINHANDO AS PARTES MAIS IMPORTANTES – Preocupe-se em sublinhar apenas a ideia central do texto e as partes que estão relacionadas a essa ideia central. Um texto bem sublinhado funciona como um esqueleto dos aspectos básicos.

4ª Etapa: ELABORAÇÃO DO ESQUEMA (FICHAMENTO) – Essa atividade permite uma visualização do plano das ideias desenvolvidas pelo texto. Para a elaboração do esquema, baseie-se nas palavras ou nas frases sublinhadas na etapa anterior.

5ª Etapa: ESCRITA DO RESUMO – Com base no esquema, faça uma primeira redação (rascunho) do resumo. A seguir, releia-o eliminando ou acrescentado palavras, de forma a obter um texto claro e conciso. Reescreva-o observando os seguintes aspectos:

- 1) presença de uma ideia central;
- 2) relação lógica entre as partes;
- 3) frases curtas;
- 4) correção gramatical.

Cuidados na elaboração do resumo:

- Não iniciar com expressões do tipo “O autor diz...”, “O texto mostra...”.
- Não apresentar juízos críticos, opiniões próprias.
- Não colocar exemplos nem explicações desnecessárias.
- Manter a progressão em que as ideias aparecem, observando os elementos conectores.
- Utilizar linguagem clara e objetiva.
- Evitar transcrição de frases do texto.
- A extensão do resumo deve ter de 10 a 15 por cento da extensão do texto original.
- Se o texto a ser resumido for de pequena extensão, basta fazer o esquema das ideias principais de cada parágrafo; entretanto, se o texto for de grande extensão, um livro, por exemplo, será necessário apreender seu conteúdo através das partes ou capítulos.

TEXTOS PARA EXEMPLIFICAR

1. APRENDER A ESCREVER

Aprender a escrever é, em grande parte, se não principalmente, aprender a pensar, aprender a encontrar ideias e a concatená-las, pois, assim como não é possível dar o que não se tem, não se pode *transmitir* o que a mente não criou ou não aprovacionou. Quando nós, professores, nos limitamos a dar aos alunos temas para redação sem lhes sugerirmos roteiros ou rumos para fontes de ideias, sem, por assim dizer, lhes “fertilizarmos” a mente, o resultado é quase sempre desanimador: um aglomerado de frases desconexas, mal redigidas, mal estruturadas, um acúmulo de palavras que se atropelam sem sentido e sem propósito; frases em que procuram fundir ideias que não tinham ou que foram mal *pensadas* ou mal digeridas. Não podiam dar o que não tinham, mesmo que dispusessem de palavras-palavras, quer dizer, palavras de dicionário, e de noções razoáveis sobre a estrutura da frase. É que palavras não criam ideias; estas, se existem, é que forçosamente, acabam corporificando-se naquelas, desde que se aprenda como associá-las e concatená-las, fundindo-as em moldes frasais adequados. Quando o estudante tem algo a dizer, porque pensou, e pensou com clareza, sua expressão é geralmente satisfatória. (Garcia, O. M. *Comunicação em prosa moderna*)

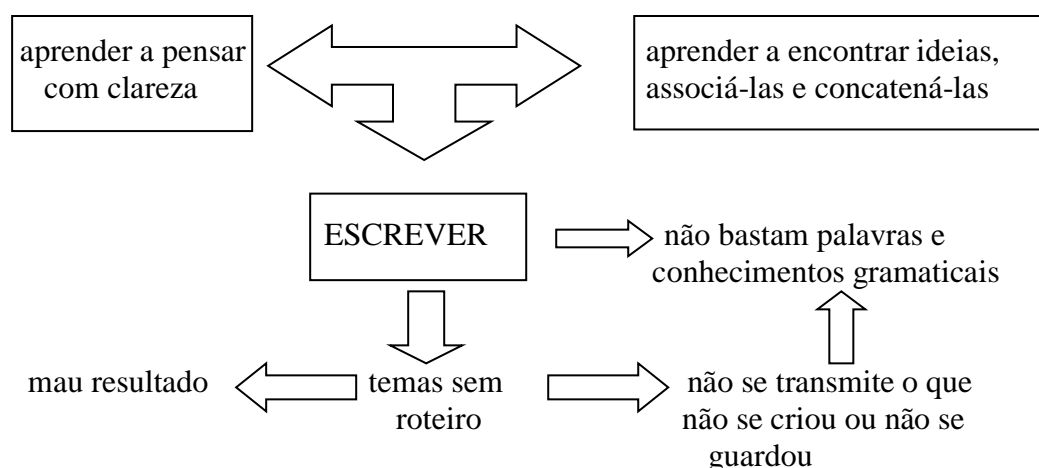
Palavra-chave: Escrever (ou aprender a escrever)

Ideias-chave: Destacadas no texto abaixo

Aprender a escrever é, em grande parte, se não principalmente, aprender a pensar, aprender a encontrar ideias e a concatená-las, pois, assim como não é possível dar o que não se tem, não se pode transmitir o que a mente não criou ou não aprovacionou. Quando nós, professores, nos limitamos a dar aos alunos temas para redação sem lhes sugerirmos roteiros ou rumos para fontes

de ideias, sem, por assim dizer, lhes “fertilizarmos” a mente, o resultado é quase sempre desanimador: Um aglomerado de frases desconexas, mal redigidas, mal estruturadas, um acúmulo de palavras que se atropelam sem sentido e sem propósito; frases em que procuram fundir ideias que não tinham ou que foram mal *pensadas* ou mal digeridas. Não podiam dar o que não tinham, mesmo que dispusessem de palavras-palavras, quer dizer, palavras de dicionário, e de noções razoáveis sobre a estrutura da frase. É que palavras não criam ideias; estas, se existem, é que forçosamente, acabam corporificando-se naquelas, desde que se aprenda como associá-las e concatená-las, fundindo-as em moldes frasais adequados. Quando o estudante tem algo a dizer, porque pensou, e pensou com clareza, sua expressão é geralmente satisfatória.

Fluxograma:



Exemplos de resumo:

- 1) Temas sem roteiro, apenas palavras e conhecimentos gramaticais, sempre levam a um mau resultado. Para escrever, é necessário aprender a pensar com clareza, a encontrar ideias, associá-las e concatená-las.
- 2) Escrever é aprender a pensar com clareza, encontrar ideias, associá-las e concatená-las. Não bastam palavras e conhecimentos gramaticais, porque não se transmite o que não se criou ou guardou. Temas sem roteiro levam a um mau resultado.

2. FALAR E ESCREVER, EIS A QUESTÃO

A dificuldade do brasileiro em falar e escrever de forma a se fazer entender não é apenas consequência da tradição bacharelesca. Há outros fatores. Para começar, lê-se pouco no Brasil. O parâmetro de comparação que costuma ser utilizado nessa área é a média de livros publicados per capita, que resulta da divisão do total da produção pela população do país. No Brasil se produzem 2,4 livros por habitante, contra sete na França e onze nos Estados Unidos. Esse indicador, no entanto, é imperfeito, porque ignora a taxa de analfabetismo, a proporção de livros didáticos no universo editorial e a quantidade de volumes que vai parar em bibliotecas. A Câmara Brasileira do Livro divulgou recentemente um estudo que mostra que, na verdade, os brasileiros leem em média apenas 1,2 livro por ano. Não cultivar a leitura é um desastre para quem deseja expressar-se bem. Ela é condição essencial para melhorar a linguagem oral e escrita. Quem lê interioriza as regras gramaticais básicas e aprende a organizar o pensamento.

(Falar e escrever, eis a questão. In: Veja, 7 nov. 2001, p. 104-12.)

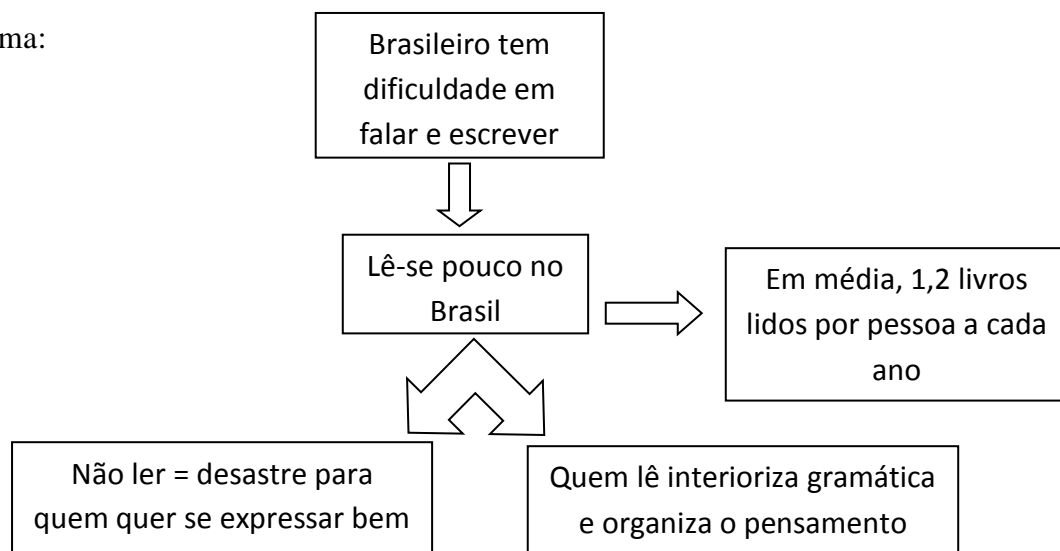
Palavras-chave: Leitura; Livros.

Ideia-chave: Destacadas no texto abaixo

A dificuldade do brasileiro em falar e escrever de forma a se fazer entender não é apenas consequência da tradição bacharelesca. Há outros fatores. Para começar, lê-se pouco no Brasil. O parâmetro de comparação que costuma ser utilizado nessa área é a média de livros publicados per capita, que resulta da divisão do total da produção pela população do país. No Brasil se produzem 2,4 livros por habitante, contra sete na França e onze nos Estados Unidos. Esse indicador, no entanto, é imperfeito, porque ignora a taxa de analfabetismo, a proporção de livros didáticos no universo editorial e a quantidade de volumes que vai parar em bibliotecas. A Câmara Brasileira do Livro divulgou recentemente um estudo que mostra que, na verdade, os brasileiros leem em média apenas 1,2 livro por ano. Não cultivar a leitura é um desastre para quem deseja expressar-se bem. Ela é condição essencial para melhorar a linguagem oral e escrita. Quem lê interioriza as regras gramaticais básicas e aprende a organizar o pensamento.

(Falar e escrever, eis a questão. In: *Veja*, 7 nov. 2001, p. 104-12.)

Fluxograma:



Exemplos de resumos:

- 1) O brasileiro tem dificuldade de ser compreendido na fala e na escrita, pois lê pouco. São lidos em média 1,2 livros por pessoa a cada ano. Não ler é um desastre para quem quer se expressar bem e quem lê interioriza a gramática e organiza o pensamento.
- 2) O brasileiro lê, em média, 1,2 livros no Brasil por ano. Por isso tem dificuldade em falar, escrever e se expressar. Quem lê interioriza a gramática e organiza o pensamento.

TEXTOS PARA EXERCITAR

Minha vida

Três paixões, simples mas irresistivelmente fortes, governaram minha vida: o desejo imenso de amor, a procura do conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como fortes ventos, levaram-me de um lado para outro, em caminhos caprichosos, para além de um profundo oceano de angústias, chegando à beira do verdadeiro desespero.

Primeiro busquei o amor, que traz o êxtase – êxtase tão grande que sacrificaria o resto de minha vida por umas poucas horas dessa alegria. Procurei-o, também, porque abrandava a solidão – aquela terrível solidão em que uma consciência horrorizada observa, da margem do mundo, o insondável e frio abismo sem vida. Procurei-o, finalmente, porque na união do amor vi, em mística miniatura, a visão prefigurada do paraíso que santos e poetas imaginaram. Isso foi o que procurei e, embora pudesse parecer bom demais para a vida humana, foi o que encontrei.

Com igual paixão busquei o conhecimento. Desejei compreender os corações dos homens. Desejei saber por que as estrelas brilham. E tentei apreender a força pitagórica pela qual o número se mantém acima do fluxo. Um pouco disso, não muito, encontrei.

Amor e conhecimento, até onde foram possíveis, conduziram-me aos caminhos do paraíso. Mas a compaixão sempre me trouxe de volta à Terra. Ecos de gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores, velhos desprotegidos – odiosa carga para seus filhos – e o mundo inteiro de solidão, pobreza e dor transformam em arremedo o que a vida humana poderia ser. Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro.

Isso foi a minha vida. Achei-a digna de ser vivida e vivê-la-ia de novo com a maior alegria se a oportunidade me fosse oferecida.

(RUSSELL, Bertrand. *Revista Mensal de Cultura*. Enciclopédia Bloch, n. 53, set. 1971. p. 83.)

A TIMIDEZ E A CONTRADIÇÃO

Ser um tímido notório é uma contradição. O tímido tem horror a ser notado, quanto mais a ser notório. Se ficou notório por ser tímido, então tem que se explicar. Afinal, que retumbante timidez é essa, que atrai tanta atenção? Se ficou notório apesar de ser tímido, talvez estivesse se enganando junto com os outros, e sua timidez seja apenas um estratagema para ser notado. Tão secreto que nem ele sabe. É como no paradoxo psicanalítico: só alguém que se acha muito superior procura o analista para tratar um complexo de inferioridade, porque só ele acha que se sentir inferior é uma doença.

Todo mundo é tímido, os que parecem tímidos são apenas os mais salientes. Defendo a tese de que ninguém é mais tímido do que o extrovertido. O extrovertido faz questão de chamar atenção para sua extroversão, assim ninguém descobre sua timidez. Já no notoriamente tímido, a timidez que usa para disfarçar sua extroversão tem o tamanho de um carro alegórico. Daqueles que sempre quebram na concentração. Segundo minha tese, dentro de cada Elke Maravilha existe um tímido tentando se esconder e dentro de cada tímido existe um exibido gritando “Não me olhem! Não me olhem!” só para chamar a atenção.

O tímido nunca tem a menor dúvida de que, quando entra numa sala, todas as atenções se voltam para ele e para a sua timidez espetacular. Se cochicham, é sobre ele. Se riem, é dele. Mentalmente, o tímido nunca entra num lugar. Explode no lugar, mesmo que chegue com a maciez estudada de uma noviça. Para o tímido, não apenas todo mundo, mas o próprio destino não pensa em outra coisa a não ser nele e no que pode fazer para embaracá-lo.

O tímido vive acossado pela catástrofe possível. Vai tropeçar e cair e levar junto a anfitriã. Vai ser acusado do que não fez, vai descobrir que estava com a braguilha aberta o tempo todo. E tem certeza de que cedo ou tarde vai acontecer o que o tímido mais teme, o que tira seu sono e apavora os seus dias: alguém vai lhe passar a palavra.

O tímido tenta se convencer de que só tem problemas com multidões, mas isto não é vantagem. Para o tímido, duas pessoas são uma multidão. Quando não consegue escapar e se vê diante de uma plateia, o tímido não pensa nos membros da plateia como indivíduos. Multiplica-os por quatro, pois cada indivíduo tem dois olhos e dois ouvidos. Quatro vias, portanto, para receber suas gafes. Não adianta pedir para a plateia fechar os olhos ou tapar um ouvido para cortar o desconforto do tímido pela metade. Nada adianta. O tímido, em suma, é uma pessoa convencida de que é o centro do Universo, e que seu vexame ainda será lembrado quando as estrelas virarem pó.

Viver em sociedade

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transportes e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

(DALLARI, Dalmo de Abreu. *Viver em sociedade*. São Paulo: Moderna, 1985, p. 5-6.)

Ambição e ética

Ambição é tudo o que você pretende fazer na vida. São seus objetivos, seus sonhos, suas resoluções para o novo milênio. As pessoas costumam ter como ambição ganhar muito dinheiro, casar com uma moça ou um moço bonito ou viajar pelo mundo afora. A mais pobre das ambições é querer ganhar muito dinheiro, porque dinheiro por si só não é objetivo: é um meio para alcançar sua verdadeira ambição, como viajar pelo mundo. No fim da viagem você estará de volta à estaca zero quanto ao dinheiro, mas terá cumprido sua ambição.

As pessoas mais infelizes que eu conheço são as mais ricas. Quanto mais rico, mais infeliz. Nunca me esqueço do comentário de uma copeira, na casa de um empresário arquimilionário, que cochichava para a cozinheira: “Todas as festas de rico são tão chatas como esta?” “Sim, todas, sem exceção”, foi a resposta da cozinheira.

De fato, ninguém estava cantando em volta de um violão. Os homens estavam em pé numa roda falando de dinheiro, e as mulheres numa outra roda conversavam sobre não sei o quê, porque eu sempre fico preso na roda dos homens falando de dinheiro.

Não há nada de errado em ser ambicioso na vida, muito menos em ter “grandes” ambições. As pessoas mais ambiciosas que conheço não são os pontocom que querem fazer um IPO (sigla de oferta pública inicial de ações) em Nova York. São líderes de entidades beneficentes do Brasil que querem “acabar com a pobreza do mundo” ou “eliminar a corrupção do Brasil”. Esses, sim, são projetos ambiciosos.

Já a ética são os limites que você se impõe na busca de sua ambição. É tudo o que você não quer fazer na luta para conseguir realizar seus objetivos. Como não roubar, mentir ou pisar nos outros para atingir sua ambição. A maioria dos pais se preocupa bastante quando os filhos não mostram ambição, mas nem todos se preocupam quando os filhos quebram a ética. Se o filho colou na prova, não importa, desde que tenha passado de ano, o objetivo maior.

Algumas escolas estão ensinando a nossos filhos que ética é ajudar os outros. Isso, porém, não é ética, é ambição. Ajudar os outros deveria ser um objetivo de vida, a ambição de todos, ou pelo menos da maioria. Aprendemos a não falar em sala de aula, a não perturbar a classe, mas pouco sobre ética. Não conheço ninguém que tenha sido expulso da faculdade por ter colado do colega. “Ajudar” os outros, e nossos colegas, faz parte de nossa “ética”. Não colar dos outros, infelizmente não faz.

O problema do mundo é que normalmente decidimos nossa ambição antes de nossa ética, quando o certo seria o contrário. Por quê? Dependendo da ambição, torna-se difícil impor uma ética que frustrará nossos objetivos. Quando percebemos que não conseguiremos alcançar nossos objetivos, a tendência é reduzir o rigor ético, e não reduzir a ambição. Monica Lewinsky, uma insignificante estagiária na Casa Branca, colocou a ambição na frente da ética, e tirou o Partido Democrata do poder, numa eleição praticamente ganha, pelo enorme sucesso da economia na sua gestão.

Definir cedo o comportamento ético pode ser a tarefa mais importante da vida, especialmente se você pretende ser um estagiário. Nunca me esqueço de um almoço, há 25 anos, com um importante empresário do setor eletrônico. Ele começou a chorar no meio do almoço, algo incomum entre empresários, e eu não conseguia imaginar o que eu havia dito de errado. O caso, na realidade, era pessoal: sua filha se casaria no dia seguinte, e ele se dera conta de que não a conhecia, praticamente. Aquele choro me marcou profundamente e se tornou logo cedo parte da ética na minha vida: nunca colocar minha ambição à frente da minha família.

Defina sua ética quanto antes possível. A ambição não pode anteceder-lá, é ela que tem de preceder à sua ambição.

(KANITZ, Stephen. *Ambição e ética*. *Veja*, 24 de janeiro de 2001, p. 21.)

A liberdade e o consumo

Quantos morreram pela liberdade de sua pátria? Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam? Quantos lutaram pela libertação dos escravos?

No plano intelectual, o tema da liberdade ocupa as melhores cabeças, desde Platão e Sócrates, passando por Santo Agostinho, Spinoza, Locke, Hobbes, Hegel, Kant, Stuart Mill, Tolstoi e muitos outros. Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformaram em direitos do cidadão? Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia, mas não foram as únicas a galvanizar controvérsias.

Mas vivemos hoje em uma sociedade em que a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais, cuja conquista ou reconquista desencadeou descomunais energias físicas e intelectuais. Nosso apetite pela liberdade se aburguesou. Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo.

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade de consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras de nossos armazéns ora faltava manteiga, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou um ícone da liberdade no Leste Europeu.

A segunda liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir. Podemos até não ir a lugar algum, mas é gostoso saber que há um veículo parado à porta, concedendo permanentemente a liberdade de ir, seja para aonde for. Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.

A terceira liberdade é a televisão. É a janela para o mundo. É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, ou estar tão perto das notícias quanto um presidente da República – que nos momentos dramáticos pode assistir às mesmas cenas pela CNN. É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes metamorfoseados em apresentadores de TV.

Uma “liberdade” recente é o telefone celular. É o gostinho todo especial de ser capaz de falar com qualquer pessoa, em qualquer momento, onde quer que se esteja. Importante? Para algumas pessoas, é uma revolução no cotidiano e na profissão. Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.

Há ainda uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada: a internet e o correio eletrônico. É um correio sem as peripécias e demoras do carteiro, instantâneo, sem remorsos pelo tamanho da mensagem (que se dane o destinatário do nosso attachment megabáitico) e que está a nosso dispor, onde quer que estejamos. E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas, onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.

Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões filosóficas sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana. Mas assim é a nossa natureza, só nos preocupamos com o que não temos ou com o que está ameaçado. Se há um consolo nisso, ele está no saber que a preeminência de nossas liberdades consumistas marca a vitória de havermos conquistado outras liberdades, mais vitais. Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos. E, se o filósofo Joãozinho Trinta tem razão, não é por desdenhar os luxos, mas por não poder desfrutá-los.

(CASTRO, Claudio de Moura. A liberdade e o consumo. *Veja*, 08 de agosto de 2001, p. 20.)

Elaborar um fluxograma e redigir um resumo a partir de um dos textos abaixo.

Sobre política e jardinagem

De todas as vocações, a política é a mais nobre. Vocação, do latim “vocare”, quer dizer “chamado”. Vocação é um chamado interior de amor: chamado de amor por um “fazer”. No lugar desse “fazer” o vocacionado quer “fazer amor” com o mundo. Psicologia de amante: faria mesmo que não ganhasse nada.

“Política” vem de “polis”, cidade. A cidade era, para os gregos, um espaço seguro, ordenado e manso, onde os homens podiam se dedicar à busca da felicidade. O político seria aquele que cuidaria desse espaço. A vocação política, assim, estaria a serviço da felicidade dos moradores da cidade.

Talvez por terem sido nômades no deserto, os hebreus não sonhavam com cidades; sonhavam com jardins. Quem mora no deserto sonha com oásis. Deus não criou uma cidade. Ele criou um jardim. Se perguntássemos a um profeta hebreu “o que é política?”, ele nos responderia: “A arte de jardinagem aplicada às coisas públicas”.

O político por vocação é um apaixonado pelo grande jardim para todos. Seu amor é tão grande que ele abre mão do pequeno jardim que ele poderia plantar para si mesmo. De que vale um pequeno jardim se a sua volta está o deserto? É preciso que o deserto inteiro se transforme em jardim.

Amo a minha vocação, que é escrever. Literatura é uma vocação bela e fraca. O escritor tem amor, mas não tem poder. Mas o político tem. Um político por vocação é um poeta forte: ele tem o poder de transformar poemas sobre jardins em jardins de verdade.

A vocação política é transformar sonhos em realidade. É uma vocação tão feliz que Platão sugeriu que os políticos não precisam possuir nada: bastar-lhes-ia o grande jardim para todos. Seria indigno que o jardineiro tivesse um espaço privilegiado, melhor e diferente do espaço ocupado por todos. Conheci e conheço muitos políticos por vocação. Sua vida foi e continua a ser um motivo de esperança.

Vocação é diferente de profissão. Na vocação, a pessoa encontra a felicidade na própria ação. Na profissão, o prazer está no ganho que dela se deriva. O homem movido pela vocação é um amante. Faz amor com a amada pela alegria de fazer amor. O profissional não ama a mulher. Ele ama o dinheiro que recebe dela. É um gigolô.

Todas as vocações podem ser transformadas em profissões. O jardineiro por vocação ama o jardim de todos. O jardineiro por profissão usa o jardim de todos para construir um jardim privado, ainda que, para que isso aconteça, ao seu redor aumentem o deserto e o sofrimento.

Assim é a política. São muitos os políticos profissionais. Posso, então, enunciar minha segunda tese: de todas as profissões, a política é a mais vil. O que explica o desencanto total do povo, em relação à política. Guimarães Rosa, questionado por Günter Lorenz se ele se considerava político, respondeu: “Eu jamais poderia ser político com toda essa charlatanice da realidade. Ao contrário dos ‘legítimos’ políticos, acredito no homem e lhe desejo um futuro. O político pensa apenas em minutos. Sou escritor e penso em eternidades. Eu penso na ressurreição do homem”.

Quem pensa em minutos não tem paciência para plantar árvores. Uma árvore leva muitos anos para crescer. É mais lucrativo cortá-las.

Nosso futuro depende dessa luta entre políticos por vocação e políticos por profissão. O triste é que muitos que sentem o chamado da política não têm coragem de atendê-lo, por medo da vergonha de ser confundidos com gigolôs e de ter de conviver com gigolôs.

Escrevo para você, jovem, para seduzi-lo à vocação política. Talvez haja um jardineiro adormecido dentro de você. A escuta da vocação é difícil, porque ela é perturbada pela gritaria das escolhas esperadas, normais, medicina, engenharia, computação, direito, ciência. Todas elas

são legítimas, se forem vocação. Mas todas elas são afunilantes: vão colocá-lo num pequeno canto do jardim, muito distante do lugar onde o destino do jardim é decidido. Não seria muito mais fascinante participar dos destinos do jardim?

Acabamos de celebrar os 500 anos do Descobrimento do Brasil. Os descobridores, ao chegar, não encontraram um jardim. Encontraram uma selva. Selva não é um jardim. Selvas são cruéis e insensíveis, indiferentes ao sofrimento e à morte. Uma selva é parte da natureza ainda não tocada pela mão do homem.

Aquela selva poderia ter sido transformada num jardim. Não foi. Os que sobre ela agiram não eram jardineiros, mas lenhadores e madeireiros. Foi assim que a selva, que poderia ter se tornado jardim, para a felicidade de todos, foi sendo transformada em desertos salpicados de luxuriantes jardins privados onde poucos encontram vida e prazer.

Há descobrimentos de origens. Mais belos são os descobrimentos de destinos. Talvez, então, se os políticos por vocação se apossarem do jardim, poderemos começar a traçar um novo destino. Então, em vez de desertos e jardins privados, teremos um grande jardim para todos, obra de homens que tiveram o amor e a paciência de plantar árvores em cuja sombra nunca se assentariam.

(Alves, Rubem. Sobre política e jardinagem. *Folha de São Paulo*, 23 maio 2000, p. 3)

Contradições do século XX

Do século XX, no futuro, se dirá que foi louco. Um século em que se usou ao máximo o poder do cérebro para manipular as coisas do mundo e não se usou o coração para fazer isso com bom sentimento. Um século no qual a palavra inteligência perdeu o sentido pleno porque, com ela, o homem foi capaz de manipular a natureza nos limites da curiosidade científica, mas não soube usá-la para fazer um mundo melhor e mais belo para todos.

A inteligência do século XX foi burra. Fomos capazes de fabricar a bomba atômica, liberar a energia escondida dentro dos átomos e incapazes de evitar que duas delas fossem usadas. Naqueles dois momentos, negamos – sem qualquer julgamento ou piedade – o direito à vida a centenas de milhares de pessoas. O que se pode dizer da bomba atômica, como símbolo do século XX, vale para o conjunto das técnicas usadas nesses cem anos loucos. Fomos capazes de tudo, menos de fazer o mundo decente. E isso teria sido possível.

Vivemos um tempo em que a inteligência humana conseguiu fazer robôs que substituem trabalhadores. Mas, no lugar de libertar o homem da necessidade do trabalho, os robôs provocam a miséria do desemprego.

Inventamos a maravilha do automóvel, mas aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho nas grandes distâncias e nos engarrafamentos. Fizemos armas inteligentes que acertam alvos sem necessidade de arriscar a vida de soldados e pilotos, mas não fazemos um trânsito inteligente, capaz de evitar o sacrifício da vida em engarrafamentos e acidentes.

Chegamos a um tempo em que a vida foi alongada até perto dos cem anos para os seres humanos com acesso às técnicas médias, porém fomos incapazes de levar o mínimo de higiene a uma parte considerável da humanidade que continua vivendo tantos anos quanto no começo do século.

Montamos a rede de internet no mundo inteiro e não construímos redes de água e esgotos nos bairros periféricos das grandes cidades. E aqueles que vivem mais, se dedicam a consumir mais, destruindo o equilíbrio ecológico.

Criamos uma globalização que aproximou seres humanos, não importa a que distância eles estejam. Ao mesmo tempo, ela os afastou mesmo quando vivem na casa ao lado, ainda mais se vivem em uma tenda ou debaixo da marquise do prédio da esquina. Fizemos um mundo onde as pessoas sentem-se em casa mesmo do outro lado do planeta, mas têm medo de abrir a porta, de atravessar a rua ou de parar em um sinal de trânsito.

Sem dúvida, o século XX foi insano. O mundo, buscando a eficiência técnica, matou a justiça. Concentrado na ciência, matou a ética. Do século XX, se dirá que teve os maiores avanços científicos e quase nenhum avanço ético. Dele, os grandes nomes serão de cientistas, governantes em guerra e empresários. Raros serão os artistas, os filósofos e os humanistas.

Diante de nós está um novo século que pode continuar a loucura ou reorientar os destinos da humanidade. A diferença será se o século XXI ficará conhecido como novo século da técnica ou o século da ética.

Se continuarmos concentrando nossa inteligência cega de justiça no desenvolvimento de novos equipamentos, armas que matam e robôs que desempregam humanos, ou se vamos subordinar essa inteligência aos valores éticos, usando os equipamentos para a vida e para a liberdade.

Nada indica que a mudança de rumo esteja à vista. Os discursos de final de ano continuaram concentrados na necessidade de aumentar a produção e não de melhorar a qualidade de vida, na necessidade de aumentar a riqueza e não de diminuir a pobreza.

A necessidade que percebem ainda é de fazer a economia mais eficiente e não mais bonita, de ter mais modernidade-técnica e não modernidade-ética. Continua a neurótica preocupação com os meios como se fossem fins. Não se questiona aonde desejamos chegar com o projeto civilizatório.

Se escolher a continuidade da técnica desprezando a ética, a humanidade caminhará para a ruptura da espécie em duas partes diferenciadas até o ponto em que, no novo século ou no seguinte, desaparecerá a semelhança da loucura que cura um desconforto no próprio braço amputando-o, no lugar de descobrir as vantagens de mantê-lo.

O século XXI pode ser o momento de coroação do projeto civilizatório, se seguirmos o caminho da busca da modernidade-ética, onde os objetivos do humanismo sejam capazes de subordinar o poder da técnica; onde, no lugar de um poderoso e inteligente planeta-hospício, tenhamos um inteligente e generoso planeta solidário.

O Brasil é o local mais provável para os primeiros sintomas dessa opção aparecerem. Temos aqui, mais do que em qualquer outro país do mundo, os sintomas da loucura de uma técnica sem sentimento a serviço de uma minoria privilegiada e enlouquecida pelos desejos de consumo. Por isso, temos mais forte a necessidade de corrigir o rumo que seguimos durante os cem loucos anos do século XX. E temos também os recursos naturais e intelectuais necessários para formular o novo rumo.

O século XXI começa, por isso e, sobretudo, no Brasil. É para cá que devem olhar aqueles que desejam saber qual o rumo que vai tomar a civilização: o das técnicas para saltar da desigualdade à dessemelhança e apartação dos seres humanos em dois tipos diferenciados; ou o do uso de nossa riqueza para a construção de um mundo melhor e mais belo para todos.

Talvez, no futuro, do século XXI se possa dizer que foi no Brasil que se inventou o futuro, para o bem ou para o mal. Vamos olhar os próximos dias, meses e anos e ver se a elite brasileira entra no novo século procurando um novo rumo social, guiado pela ética, ou se vai insistir em ser o exemplo do mal, construindo uma sociedade com apartação.

(BUARQUE, Cristovam. Contradições do século XX. Texto veiculado pela internet em julho de 2000)

3) ROTEIRO PARA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS CIENTÍFICOS E FILOSÓFICOS

As informações a seguir foram extraídas do livro de Antonio Joaquim Severino, *Metodologia do trabalho científico*, São Paulo, editora Cortez, 1996, páginas 51 a 56.

1. Delimitação da unidade de leitura

Estabelecer uma unidade de leitura. Unidade de leitura é uma parte do texto que forma uma totalidade de sentido.

2. Análise Textual

É uma preparação da leitura mais profunda do texto. Faz-se uma leitura seguida e completa da unidade do texto em estudo, buscando uma visão panorâmica.

Neste momento, o leitor fará um levantamento de todos os elementos básicos para a devida compreensão do texto:

- ✓ dados do autor: vida, obra e pensamento;
- ✓ vocabulário: conceitos e termos fundamentais para a compreensão do texto;
- ✓ fatos históricos sugeridos;
- ✓ autores citados;
- ✓ doutrinas presentes no texto.

Para a realização desta etapa, deve-se recorrer a fontes especiais: dicionários, textos de história, manuais didáticos etc.

Finaliza-se a análise textual com uma esquematização do texto (ou fluxograma).

3. Análise Temática

Esta segunda etapa aproxima o leitor da compreensão da mensagem global veiculada pela unidade de leitura.

Aqui procura-se ouvir o autor, apreender o conteúdo da mensagem sem intervir nele. Trata-se de fazer perguntas ao texto cujas respostas fornecerão o conteúdo da mensagem:

- ✓ de que fala o texto? (assunto ou tema);
 - ✓ qual é a problematização do tema feita pelo autor? (qual o problema a ser resolvido);
 - ✓ o que o autor fala sobre o tema? Que posição assume? Que ideia defende? Que tese quer demonstrar? (tese, objetivo);
 - ✓ qual é o raciocínio seguido pelo autor para comprovar sua tese? Como ele comprova sua posição básica? (argumentos, estrutura lógica do texto);
- Encerra-se esta etapa com o resumo do texto.

4. Análise Interpretativa

Interpretar é tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar toda a fecundidade das ideias expostas, é dialogar com o autor.

Para realizar este tipo de análise, deve-se:

- ✓ tentar situar o pensamento desenvolvido na unidade, na esfera mais ampla do pensamento geral do autor (relacionar com outras obras do autor);
- ✓ situar o autor, por suas posições assumidas na unidade, nas várias orientações filosóficas existentes, mostrando sua própria perspectiva, além de seus pontos comuns e originais (contribuições do autor com a obra);
- ✓ explicitar os pressupostos implicados no texto (ideias implicitamente aceitas pelo autor para fundamentar seu raciocínio);
- ✓ estabelecer uma aproximação ou associação das ideias semelhantes. Comparação com ideias temáticas afins sugeridas pelo autor (relacionar com outros autores);

- ✓ crítica: a) o autor conseguiu atingir seus objetivos? b) até que ponto ele foi original? Ele apenas retoma outros textos? O tema foi tratado de forma superficial ou profunda? O tema é relevante? Que contribuições deixou?

5. Problemática

Organização de questões referentes ao texto. Levantamento de problemas mais relevantes para uma reflexão pessoal e para uma possível discussão em grupo.

6. Síntese pessoal

Neste momento, elabora-se um texto, tendo em vista todo o trabalho de leitura e análise feito anteriormente. É uma reelaboração pessoal da mensagem com base na reflexão.

4) COERÊNCIA

O texto – unidade de sentido – constitui-se de partes interdependentes, sendo cada uma necessária para a compreensão das demais. O resultado dessa articulação das ideias, dessa estruturação lógico-semântica que faz com que palavras e frases componham um todo significativo é o que denominamos coerência textual.

A palavra coerência provém do latim *cohaerentia* (formada do prefixo co = junto com + o verbo haerere = estar preso). Significa, pois, conexão, união estreita entre várias partes, relação entre ideias que se harmonizam, ausência de contradição. É a coerência que converte uma sequência linguística em texto, por estar diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido.

A coerência pode ser:

- temática;
- semântica;
- sintática ou gramatical;
- estilística;
- pragmática.

Quando há quebra na concatenação ou quando um segmento textual está em contradição com um anterior, perde-se a coerência textual.

Os principais fatores de contextualização para se estabelecer coerência são: situacionalidade; informatividade; focalização; intertextualidade; intencionalidade; aceitabilidade. O nosso conhecimento de mundo e o conhecimento compartilhado também desempenham um papel decisivo no estabelecimento da coerência, pois ela se constrói na interação entre o texto e seus usuários.

Para que um texto seja coerente, dois são os requisitos básicos: a consistência e a relevância. A consistência confirma a não-contradição entre os enunciados e a relevância possibilita que os enunciados focalizem um mesmo tema.

Assim sendo, a construção da coerência decorre de uma multiplicidade de fatores: linguísticos, discursivos, cognitivos, culturais e interacionais.

O contexto linguístico – ou cotexto – e o contexto extraverbal contribuem de maneira ativa na construção da coerência, pois há dois tipos de coerência:

- coerência intratextual (que diz respeito à relação de compatibilidade, de adequação, de não-contradição entre os enunciados do texto);
- coerência extratextual (que se refere à adequação do texto a algo que lhe é exterior).

Exercícios:

Os textos seguintes apresentam algum tipo de incoerência, encontre-a e explique-a:

1. Naquela manhã Paulo ligou para o amigo, cumprimentando-o, leu no jornal que seu amigo havia entrado na faculdade e acordou cedo.
2. A reunião para o acerto da venda das ações ocorreu num jantar, em um elegante e caro restaurante, que era o preferido dos altos executivos de empresas do ramo de telecomunicações. Enquanto os empresários, em voz baixa, selavam o acordo, um grupo musical cantava música sertaneja e pagode. Na mesa ao lado, crianças comemoravam um aniversário, deliciando-se com os hambúrgueres servidos e as batatas fritas, sobre as quais colocavam bastante catchup.
3. Machado de Assis é, sem dúvida, um dos maiores escritores brasileiros, pois sua obra não só enfoca a vida urbana do Rio de Janeiro como também tem por cenário outras regiões do país. É o que se pode observar em seus romances regionais.
4. Lá dentro havia uma fumaça espessa que não deixava que vissemos ninguém. Meu colega foi à cozinha, deixando-me sozinho. Fiquei encostado na parede da sala, observando as pessoas que lá estavam. Na festa, havia pessoas de todos os tipos: ruivas, brancas, pretas, amarelas, altas, baixas etc.
5. Todo cão come carne. Ora, o cão é uma constelação. Logo, uma constelação come carne.
6. O senhor é contra ou a favor da legalização do jogo no Brasil? O Brasil tem muitos problemas sociais que é preciso resolver. Nosso empenho é dar melhores condições de vida ao povo brasileiro.
7. Pela manhã recebi uma carta repleta de conselhos. Era uma cara em branco e não liguei para os conselhos já que conselhos não interessam para mim pois sei cuidar da minha vida.

5) COESÃO TEXTUAL: CONECTIVOS

A **COESÃO** é a ligação das frases por certos elementos que recuperam passagens já ditas ou garantem a concatenação entre as partes. Essa ligação, relação, ou conexão entre as palavras, expressões ou frases do texto é manifestada por elementos formais, que assinalam o vínculo entre os componentes do texto.

PRONOMES RELATIVOS:

- **Que** = é o mais usado dos pronomes relativos, por isso é chamado de relativo universal. O antecedente pode ser coisa ou pessoa. O **que** é usado depois de preposição monossilábica.

O livro, **que** eu comprei, é ótimo.

A mulher, **que** ali está, é minha mãe.

A casa, em **que** moro, é muito arejada.

Comprei o livro a **que** te referes.

- **Quem** = antecedente pessoa ou coisa personificada.

Só se pode usar **quem** quando o relativo vier regido de preposição.

Não conheço a pessoa a **quem** amas.

O médico por **quem** fomos assistidos é um dos mais renomados especialistas.

- **Onde** = indica lugar. Pode ser substituído por em que / no qual.

No padrão culto da língua, o pronome relativo **onde** deve ser empregado apenas quando substituir antecedentes que indiquem espaço físico.



A cidade **onde** (em que) moro é pequena.

Quero uma casa tranquila, **onde** possa passar alguns dias em paz.

CUIDADO: Vivemos uma época muito difícil, **em que** (na qual) a violência gratuita impera.
(Em uma frase como essa, NÃO se usa o pronome ONDE)

- **Qual e suas flexões** = antecedente pessoa ou coisa. Usado como substituto de que:
 - a) quando o antecedente for substantivo e estiver distante do pronome relativo
 - b) após preposição de duas sílabas ou mais.
 - c) com as preposições sem e sob que exigem **qual** e suas flexões.

O diretor recebeu os alunos.

O diretor manteve longo diálogo com os alunos.

O diretor recebeu os alunos com os **quais** manteve longo diálogo.

Não conheço o pai da garota a **qual** se acidentou.

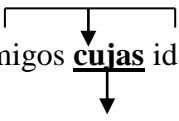
Você sabe os assuntos sobre os **quais** vai discutir.

Não vou a nenhuma festa para a **qual** não sou convidado.

Este é o documento sem o **qual** não retirarei a encomenda.

Este é o edifício sob o **qual** se encontram fósseis.

- **Cujo** = exprime posse, sendo o antecedente o possuidor e o conseqüente a coisa possuída (com a qual o pronome relativo concorda em gênero e número).
 - **cujo** não admite posposição de artigo.
 - a regência de certos verbos exigirá **cujo** antecedido de preposição.




 Tenho vários amigos **cujas** idades variam de 20 a 25 anos.

 (idades dos amigos)

- **Quanto e suas flexões** = refere-se à pessoa ou coisa. São pronomes relativos quando usados depois dos pronomes indefinidos tudo, todos ou todas.
Ele sabia **tudo** quanto poderia ocorrer.

- **Quando** e **Como** = são relativos que exprimem noções de tempo e modo, respectivamente.
Como vem antecedido de modo, maneira ou forma.
O ano **quando** nasci, foi de grande repercussão na história da humanidade.
Acertei com ele o modo **como** iria pagar-lhe.



 pelo qual

TABELA DOS PRINCIPAIS CONECTIVOS/CONJUNÇÕES E SEUS SENTIDOS

Ideias	Simples	Compostos
Causa	porque, pois, por, porquanto, dado, visto, como	por causa de, devido a, em vista de, em virtude de, em face de, em razão de, já que, visto que, uma vez que, dado que
Consequência imprevista	tão, tal, tamanho, tanto...que	de modo que, de forma que, de maneira que, de sorte que, tanto que
Consequência lógica	logo, portanto, pois, assim	assim sendo, por conseguinte
Finalidade	para, porque	para que, a fim de que, com o propósito de, com a intenção de, com o intuito de
Condição	se, aso, mediante, sem, salvo	contanto que, a não ser que, a menos que, exceto se
Oposição branda	mas, porém, todavia, contudo, entretanto	no entanto
Oposição	embora, conquanto, muito embora	apesar de, a despeito de, não obstante, malgrado a, sem embargo de, se bem que, mesmo que, ainda que, em que pese, posto que, por mais que, por muito que
Comparação	como, qual	do mesmo modo que, como se, assim como, tal como
Tempo	quando, enquanto	logo que, antes que, depois que, desde que, cada vez que, todas as vezes que, sempre que, assim que
Proporção		à proporção que, à medida que
Conformidade	conforme, segundo, consoante, como	de acordo com, em conformidade com
Alternância	ou	nem... nem, ou... ou, ora... ora, quer...quer, seja... seja
Adição	e, nem	não só... mas também, tanto... como, não apenas.... como
restrição	que	

EXERCÍCIOS – COESÃO E COERÊNCIA

1) Elimine as palavras repetidas, utilizando o **pronome relativo** adequado com ou sem preposição:

- a) O jogador foi excluído da equipe. O jogador esteve mal tecnicamente.
O jogador, **que esteve mal tecnicamente**, foi excluído da equipe.
- b) São pessoas. Eu me simpatizo com pessoas.
São pessoas _____ me simpatizo.
- c) O jornal foi apreendido. Eu me refiro ao jornal.
O jornal _____ me refiro foi apreendido.
- d) Gosto muito desse compositor. As músicas desse compositor são alegres.
Gosto muito desse compositor _____ músicas são alegres.
- e) Recebi o salário. Tinha direito ao salário.
Recebi o salário _____ tinha direito.
- f) Estes são os recursos. Dispomos de recursos.
Estes são os recursos _____ dispomos.

2) Complete as frases a seguir com o **pronome relativo** adequado, utilizando a **preposição** correta quando necessário.

- a) Os alunos _____ notas estão aqui, devem pedir perdão à professora.
- b) Eis a conclusão _____ chegamos.
- c) São pessoas _____ confio.
- d) Não gostei do filme _____ assisti.
- e) O amor é a lente _____ podemos ver a vida com alegria.
- f) Maria é a pessoa _____ tenho admiração.
- g) O senhor _____ eu conversava é avô de meu amigo.
- h) Eis o escritor _____ livro me delíciei.
- i) Ter amigos _____ confiar é indispensável.

3) Analise as frases enunciadas, conectando-as logo em seguida por meio de uma **conjunção** que se adéque ao contexto.

- a) São várias as injustiças sociais. Não podemos desistir de lutar por um mundo mais igualitário.
- b) Suas escolhas farão toda diferença futuramente. Prossiga rumo à conquista de seus ideais.
- c) Somente duas opções lhe restavam. Continuaria omitindo informações, ou revelaria todo segredo à família.
- d) Não comparecemos à reunião. Estávamos aplicando testes aos futuros colaboradores.
- e) Tente desculpar-se com seus amigos. Depois os convide para um programa agradável.

4) Reescreva as orações abaixo, reunindo as frases num só período com **coerência** e **coesão** textuais:

- a) Os candidatos deverão estudar muito para o concurso. (Os candidatos querem ser aprovados.)
- b) Ana foi homenageada pelo chefe. (Ana é ótima secretária.)
- c) Os vencedores receberam um belo troféu. (Os vencedores jogaram no Japão.)
- d) O filho do produtor cinematográfico recepcionou os repórteres. (O produtor cinematográfico estava ocupado.)
- e) Era uma mulher de rara beleza. A postura dessa mulher era inigualável. Todos queriam se aproximar dessa mulher.
- f) Estudei algumas teorias. Essas teorias apresentam soluções inovadoras. As soluções inovadoras dessas teorias são inquestionáveis.

5) Estruture diferentes parágrafos, organizando as orações em um só período:

- a) A etnomatemática estuda a matemática em várias culturas e profissões.
A etnomatemática é um dos principais temas de pesquisa da atualidade.
- b) O desenvolvimento tecnológico está ampliando os horizontes da educação.
Computação gráfica, Internet, vídeo e até satélites criam novas possibilidades para os professores compartilharem seus conhecimentos.
Computação gráfica, Internet, vídeo e até satélites criaram desafios para os professores compartilharem seus conhecimentos.
- c) O aumento da temperatura do corpo da ave provoca sérios distúrbios.
O aumento da temperatura do corpo da ave, em muitos casos, leva à morte.
A morte das aves resulta em prejuízos significativos.
O calor, normalmente, liquida os frangos quando estes estão muito próximos da idade de abate (42 dias).
- d) A escalada do dólar afeta diretamente os títulos.
Os títulos são corrigidos pela taxa de câmbio.
A escalada do dólar afeta o passivo externo.
O passivo externo é convertido para reais na hora de contabilizar a dívida líquida total do setor público.

6) Assinale a opção que preenche, de forma coesa e coerente, as lacunas dos textos abaixo.

I) O fenômeno da globalização econômica ocasionou uma série ampla e complexa de mudanças sociais no nível interno e externo da sociedade, afetando, em especial, o poder regulador do Estado. _____ a estonteante rapidez e abrangência _____ tais mudanças ocorrem, é preciso considerar que em qualquer sociedade, em todos os tempos, a mudança existiu como algo inerente ao sistema social.

- a) Não obstante – com que
- b) Portanto – de que
- c) De maneira que – a que
- d) Porquanto – ao que
- e) Quando – de que

II) A visão sistêmica exclui o diálogo, de resto necessário numa sociedade _____ forma de codificação das relações sociais encontrou no dinheiro uma linguagem universal. A validade dessa linguagem não precisa ser questionada, _____ o sistema funciona na base de imperativos automáticos que jamais foram objeto de discussão dos interessados.

- a) em que – posto que
- b) onde – em que
- c) cuja – já que
- d) na qual – todavia
- e) já que – porque

8) Leia o texto a seguir e assinale a opção que dá sequência com coerência e coesão.

Em nossos dias, a ética ressurge e se revigora em muitas áreas da sociedade industrial e pós-industrial. Ela procura novos caminhos para os cidadãos e as organizações, encarando construtivamente as inúmeras modificações que são verificadas no quadro referencial de valores. A dignidade do indivíduo passa a aferir-se pela relação deste com seus semelhantes, muito em especial com as organizações de que participa e com a própria sociedade em que está inserido.

- a) A sociedade moderna, no entanto, proclamou sua independência em relação a esse pensamento religioso predominante.
- b) Mesmo hoje, nem sempre são muito claros os limites entre essa moral e a ética, pois vários pensadores partem de conceitos diferentes.

- c) Não é de estranhar, pois, que tanto a administração pública quanto a iniciativa privada estejam ocupando-se de problemas éticos e suas respectivas soluções.
- d) A ciência também produz a ignorância na medida em que as especializações caminham para fora dos grandes contextos reais, das realidades e suas respectivas soluções.
- e) Paradoxalmente, cada avanço dos conhecimentos científicos, unidirecionais produz mais desorientação e perplexidade na esfera das ações a implementar, para as quais se pressupõe acerto e segurança.

9) Os trechos abaixo compõem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os para que componham um texto coeso e coerente e indique a opção correta.

() O primeiro desses presidentes foi Getúlio Vargas, que soube promover, com êxito, o modelo de substituição de importações e abriu o caminho da industrialização brasileira, colocando, em definitivo, um ponto final na vocação exclusivamente agrária herdada dos idos da colônia.

() O ciclo econômico subsequente que nos surpreendeu, sem dúvida, foi a modernização conservadora levada à prática pelos militares, de forte coloração nacionalista e alicerçado nas grandes empresas estatais.

() Hoje, depois de todo esse percurso, o Brasil é uma economia que mantém a enorme vitalidade do passado, porém, há mais de duas décadas, procura, sem encontrar, o fio para sair do labirinto da estagnação e retomar novamente o caminho do desenvolvimento e da correção dos desequilíbrios sociais, que se agravam a cada dia.

() Com JK, o país afirmou a sua confiança na capacidade de realizar e pôde negociar em igualdade com os grandes investidores internacionais, mostrando, na prática, que oferecia rentabilidade e segurança ao capital.

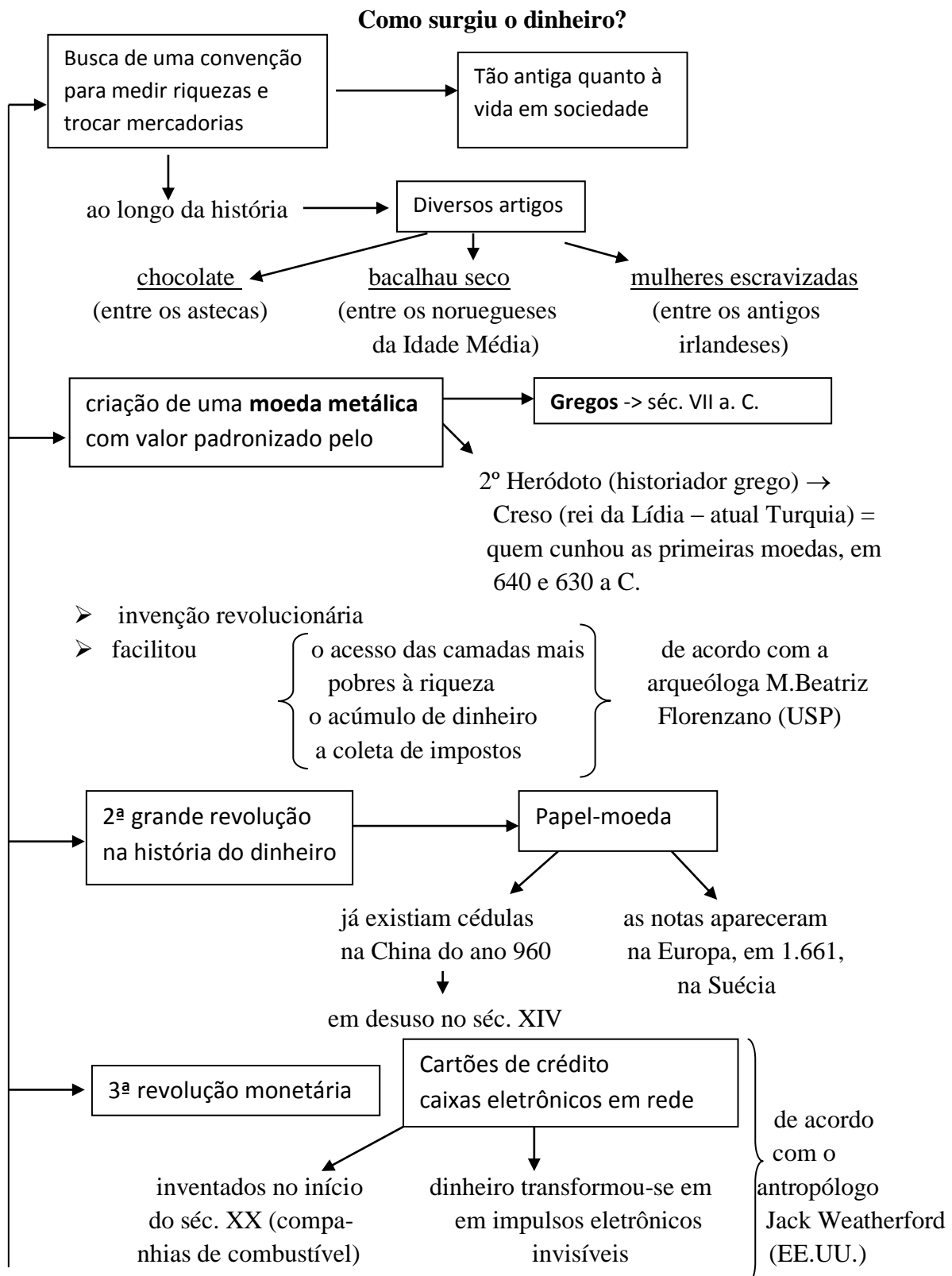
() Em mais de um século, dois presidentes e um ciclo recente da economia atraíram as atenções pelo êxito nos programas de desenvolvimento.

() Juscelino Kubitschek veio logo depois com seu programa de 50 anos em 5, tornando a indústria automobilística uma realidade, construindo moderna infraestrutura e promovendo a arrancada de setores estratégicos, como a siderurgia, o petróleo e a energia elétrica.

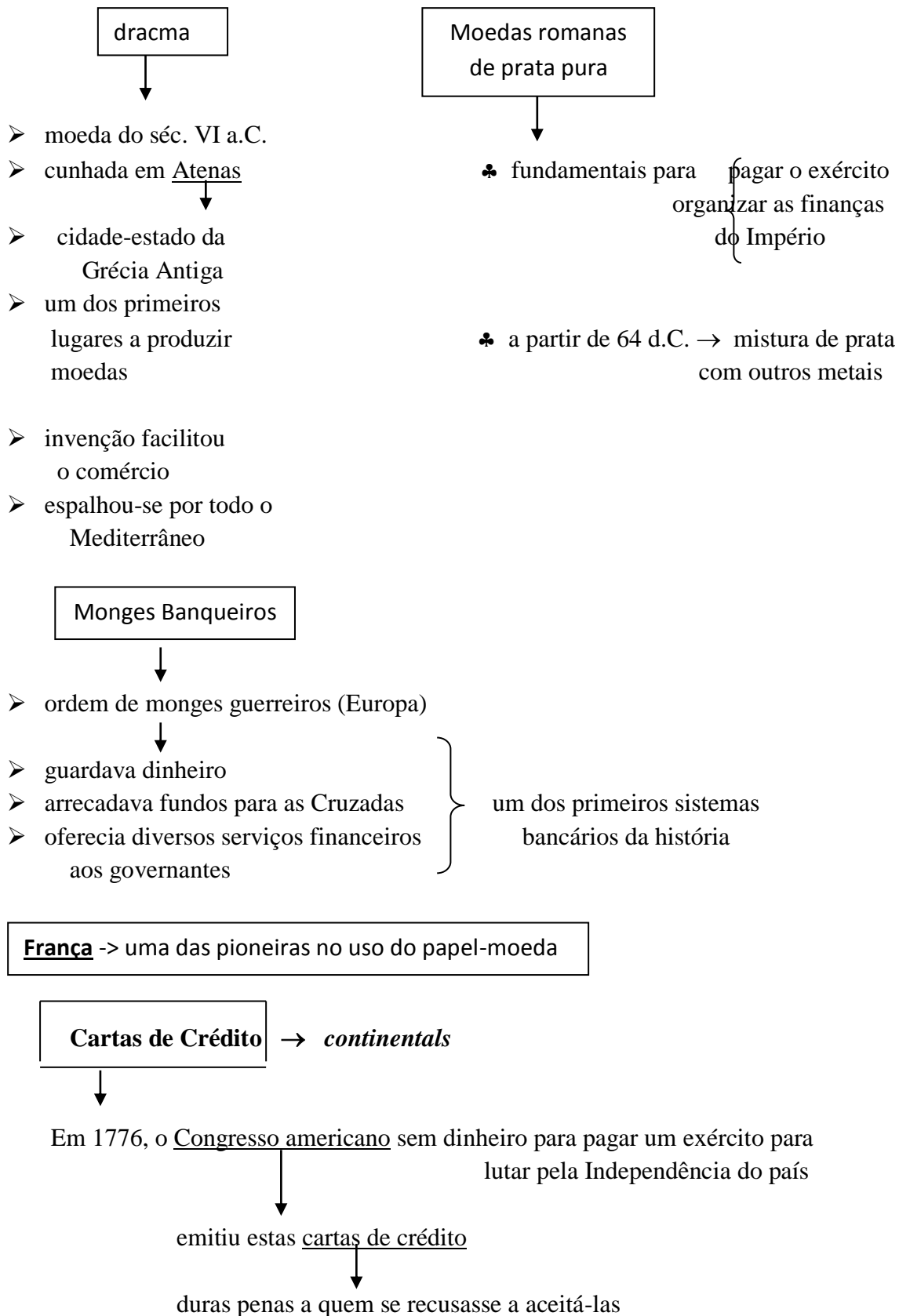
- a) 1º - 2º - 4º - 5º - 6º - 3º
- b) 2º - 3º - 5º - 1º - 4º - 6º
- c) 2º - 5º - 6º - 4º - 1º - 3º
- d) 5º - 2º - 4º - 6º - 3º - 1º
- e) 3º - 5º - 2º - 1º - 4º - 6º

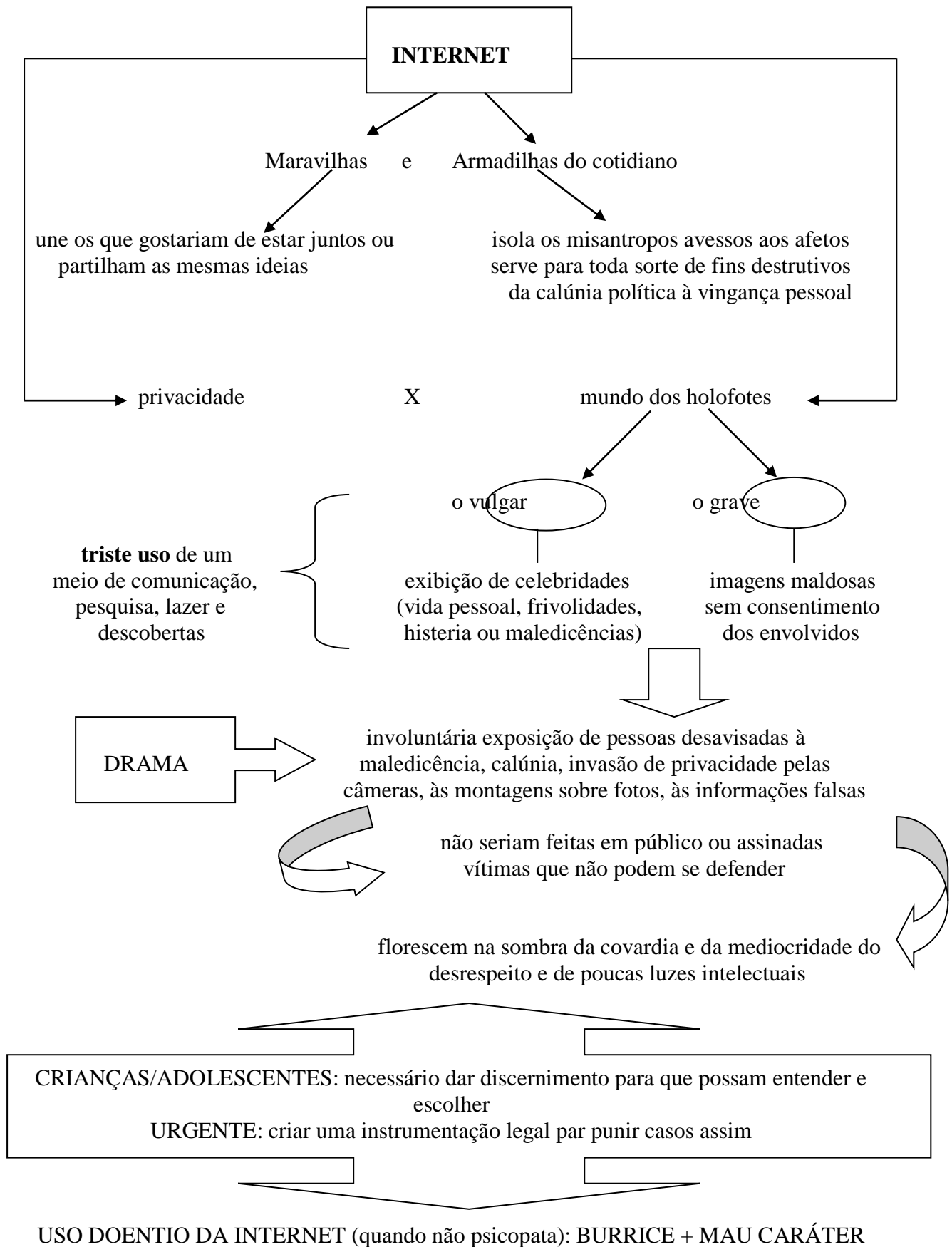
EXERCÍCIOS

A partir de um dos fluxogramas abaixo, redija um texto com coerência e coesão. Se desejar, acrescente informações de seu próprio repertório, observando sempre a unidade de sentido do texto.



A história do dinheiro (alguns exemplos)





6) GÊNERO ARGUMENTATIVO

Artigo de Opinião:

É um texto opinativo, de cunho argumentativo. Trata-se de um gênero em que a opinião de um autor sobre um assunto de relevância é defendida, através de recursos argumentativos: comparações, exemplificações, depoimentos, dados estatísticos, etc.

Objetivo do Artigo de Opinião:

- Influenciar o pensamento dos destinatários;
 - Construir ou transformar (inverter, reforçar, enfraquecer) a posição desses destinatários sobre uma questão controversa de interesse social e, eventualmente, mudar o comportamento deles.
- Várias vozes podem circular num Artigo de Opinião.
- Além de exigir o uso da argumentação, supõe a discussão de problemas que envolvem a coletividade.

Características do Artigo de Opinião:

- Contém um título polêmico ou provocador.
- Expõe uma ideia ou ponto de vista sobre determinado assunto.
- Apresenta três partes: exposição, interpretação e opinião.
- Utiliza verbos predominantemente no presente.
- Utiliza linguagem objetiva (3ª pessoa) ou subjetiva (1ª pessoa).

Argumentos:

- a) de autoridade: a conclusão se sustenta pela citação de uma fonte confiável, que pode ser um especialista no assunto ou dados de instituições de pesquisa;
- b) de princípio: a justificativa é legítima, faz apelo a princípios, o que torna a conclusão quase incontestável;
- c) por causa: a(s) justificativa(s) e a conclusão têm uma reversibilidade plausível;
- d) por exemplificação: a justificativa remete a exemplos comparáveis ao que se pretende defender.

Procedimentos argumentativos de um artigo de opinião:

- ✓ Relações de causa e consequência.
- ✓ Comparações entre épocas e lugares.
- ✓ Retrocesso por meio da narração de um fato.
- ✓ Antecipação de uma possível crítica do leitor, construindo antecipadamente os contra-argumentos.
- ✓ Estabelecimento de interlocução com o leitor.
- ✓ Produção de afirmações radicais, de efeito.

Estrutura:

1. Contextualização e/ou apresentação da questão em discussão;
2. Explicitação da posição defendida;
3. Utilização de argumentos que sustentam a posição assumida;
4. Consideração de posição contrária e antecipação de possíveis argumentos contrários à posição assumida;
5. Utilização de argumentos que refutam a posição contrária;
6. Retomada da posição assumida e/ou retomada do argumento;
7. Proposta ou possibilidades de negociação;
8. Conclusão (que pode ser a retomada da tese ou posição defendida).

PODEMOS SER MAIS DIGNOS? PODEMOS

Lya Luft

Difícilmente encontramos alguém, a não ser criança ou adolescente naquela fase de autorreferência compulsiva e natural, que esteja contente com a situação em geral.

Que pense ou diga: “Está tudo bem, estamos tranquilos, o país cresce, o povo é razoavelmente bem tratado, nada a reclamar...”.

Manifestações se agitam no Brasil. Pelos mais singulares motivos, ora surreais, ora convincentes, saímos às ruas, querendo ordem, progresso e paz, mas admitindo entre nós a violência e o crime, tudo organizado e financiado por alguém. Um partido, uma instituição, um grupo... alguém. Pois nada disso acontece aleatoriamente.

Há sincronicidade, combinação, uma teia básica que controla tudo. O que, quem, como, de onde, não sabemos, pelo menos nós, pessoas comuns. Sentimos que algo está no ar, e não é amável, mas perigoso e sombrio. Temos de achar um equilíbrio entre a indignação justa e essencial e o desejo de destruição e violência.

A mim me impressionam centenas de pessoas descendo de um trem quebrado e andando pelos trilhos em busca do seu destino ou de uma condução. Às vezes jogam pedras e quebram vidros ou portas do trem, mas a maioria, mesmo reclamando, não demonstra indignação. Muitos, num meio sorriso resignado, dizem: “É ruim, mas é assim, que fazer?”.

Ou, quando a enchente mais uma vez inundou a casa, matou a criança, destruiu os bens, e ninguém em alguns anos providenciou nada, comentam: “Com a ajuda de Deus, vou mais uma vez começar do zero”.

Manadas de seres humanos apinhados nos ônibus e trens, sem o menor conforto, pendurados naquelas alças, esfregados, amassados por tantos corpos humanos suados e exaustos, dia após dia, ano após ano, consumindo diariamente duas, quatro horas de seu tempo, sua saúde, sua vida, vão para o trabalho e voltam, em condição subumana, e fazem suas reclamações, às vezes com palavras duras e justas, mas acrescentam: “O que fazer? Por aqui é assim”.

Os indignados, e mesmo os mansos, todos queriam mudar; iriam mudar, se pudessem. Ou melhor: se soubessem o que fazer. Não há autoridade a quem se queixar, pois o máximo que se recebe é a notícia de mais uma comissão, um projeto, empilhado sobre dezenas de outros que há muitos anos mofam em gavetas ou em pastas.

Podemos melhorar de vida? Podemos não ser caçados por bandidos como coelhos pelas ruas dia e noite, podemos viver em morros sem nos enfiarmos embaixo da cama nos frequentes tiroteios, podemos ter água para beber, cozinhar e tomar banho, e energia elétrica para o chuveiro, o ventilador, a luz da casa?

Podemos uma porção de coisas melhores em nossa tumultuada vida? Podemos ser mais dignos e mais ativos? Podemos.

Não sabemos para que lado nos virar, onde procurar, a quem recorrer. Talvez a esperança seja não a destruição de ônibus, a quebradeira de lojas, a insensatez desatada, mas o gesto mais simples, breve, pequeno, porém transformador, desde que a gente saiba o que está fazendo, o que deve fazer: o “voto”.

Porém uma imensa maioria de nós, embora adulta, nem sabe ler. Outra boa parte da população, se sabe ler, não tem energia, interesse, tempo, instrução suficiente para se dedicar a esses assuntos, se informar, debater e descobrir algum nome a quem confiar esse voto.

De modo que, levados pelas correntes eleitorais já deslanchadas, provavelmente muitos — que cedo se arrependirão, pois ignoravam a força de seu ato —, por desalento, votem em nomes que não conhecem, que não levam a sério, de que não ouviram falar ou que chegam montados em promessas impossíveis e falácias vãs.

Então, por estarmos tão cansados, suados, desanimados ou zangados, mas sem lucidez, eles vão receber, na hora da eleição, o apoio de quem parou um instante no posto da ilusão e digitou um número, um nome, uma sigla, um destino seu, que não acabará significando nada.

(Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tag/lya-luft/>)

08/03/2014 - **Política & Cia** - *Artigo de opinião publicado em edição impressa de VEJA*

As mãos de Ediene

Fritz Ultzeri

Ediene tem 16 anos, rosto redondo, trigueiro, índio e bonito das meninas do sertão nordestino. Vaidosa, põe anéis nos dedos e pinta os lábios com batom. Mas Ediene é diferente. Jamais abraçará, não namorará de mãos dadas e, se tiver filhos, não os aconchegará em seus braços para dar-lhes calor e o alimento dos seios de mão. A razão é simples. Ediene não tem braços.

Ela os perdeu numa maromba, máquina do século passado, com dois cilindros de metal que amassam o barro para fazer telhas e tijolos numa olaria. Os dedos que enche de anéis são os pés, com os quais escreve, desenha e passa batom nos lábios. Ediene, ainda menina, trabalhava na máquina infernal, quando se distraiu e seus braços voltaram ao barro. Ela é uma das centenas de crianças mutiladas, todos os anos, trabalhando como gente grande em troca de minguados cobres, indispensáveis para manter a vida das famílias miseráveis em todo o país.

Crianças que, a partir dos três anos ajudam as famílias em canaviais, carvoarias, plantações de sisal, garimpos e olarias, sem direito a estudo, a brincadeiras, ao convívio dos amigos; infância para sempre roubada, para ganhar entre R\$ 12,50 e R\$ 50,00 POR MÊS DE TRABALHO COM JORNADAS DE ATÉ 14 HORAS! Quanto tempo você leva para gastar R\$ 12,50? O que consegue comprar com isso?

Pense e reflita que custa UM MÊS de trabalho duro de um menino semi-escravo no Brasil.

Até quando? Talvez fosse o caso de aproveitar a proposta de reforma do Judiciário e adotar de vez a lei mulçumana, a *Sharia*. O ladrão teria a mão direita decepada. Se fosse crime hediondo (o que rouba criança e doente ou explora trabalho infantil é ladrão hediondo), perderia as duas mãos, esmagadas numa maromba bem azeitada. O *Aurélio* define, entre outras coisas, maromba como “esperteza e malandragem”. Se todos os marombeiros e ladrões tivessem medo de perder as mãos numa maromba, talvez Ediene não fosse obrigada a escrever com os pés, pudesse carregar seu filho e acariciá-lo, feliz, com o carinho que só as mães sabem dar.

Jornal do Brasil, Caderno B, 02/12/1999

- **Artigo de opinião** – texto argumentativo/pretende convencer os leitores
- **3 tipos básico de organização do discurso**: descritivo, narrativo, argumentativo
- **Protagonista da história** = Ediene / **antagonista, grande vilão** = a máquina infernal
- **Narrador** = a voz do jornalista Fritz Utzeri
- **Fato ocorrido** = mutilação de Ediene por uma maromba
- No **modo argumentativo**, faz-se uma análise da situação degradante de várias crianças no Brasil e apresenta-se uma denúncia, configurada em argumentos pertinentes.
- O **tema** constitui o problema ou o conteúdo do texto (A mutilação de crianças, exploradas e submetidas a trabalho semi-escravo).
- A **tese**, o posicionamento do sujeito em relação à problemática (O texto denuncia como crime a exploração do trabalho infantil e acusa os ladrões do trabalho dessas crianças, sugerindo um castigo à altura desse crime hediondo).
- Os **argumentos**, as provas que permitem embasar o ponto de vista defendido (a história de Ediene; a denúncia de que o fato é comum; a situação de semi-escravidão; o preço irrisório...)
- **Conclusão**: punição à altura.

Mil e uma noites

Cosette Alves

Era uma vez um sultão que descobriu que sua mulher o traía. Cortou-lhe a cabeça. Triste e infeliz, dedicou o resto da vida à vingança. Todas as noites dormia com uma mulher diferente, que mandava matar no dia seguinte. Sherazade, jovem princesa, se oferece para dormir com o cruel sultão. Caprichosa, garante que tem um plano infalível que a livrará da morte. Assim aconteceu. Passa mil e uma noites com o rei, contando histórias de traições. O sultão, enganado, mudou seu destino. Esquece da vingança, ouvindo muitos outros casos iguais ao seu.

O que aconteceu com o sultão? Conformou-se, pois a traição faz parte da vida? Sossegou ao saber que muitos outros também eram enganados? Perdeu a inveja dos homens felizes? Ou simplesmente ficou entretido com as histórias de Sherazade?

Não se sabe como termina a história. O rei voltou a acreditar nas mulheres ou mandou matar Sherazade ao fim de mil e uma noites? Histórias emanadas umas às outras distraem, divertem e não fazem pensar. Anestesiam. As histórias têm certa magia.

Tenho pensado sobre os inúmeros casos de corrupção contados por jornais e revistas. Emendados uns aos outros, parecem histórias das mil e uma noites brasileiras.

A denúncia da imprensa é o instrumento mais importante de que dispõe a democracia para combater a corrupção e saber o que acontece por trás dos bastidores. O caso *Watergate* foi o resultado de exaustivas investigações dos jornalistas do *Washington Post*. Coletaram dados, levaram até o fim as suas suspeitas e correram o risco das suas acusações. Não foram notícias baseadas em diz-que-diz ou espalhadas nas páginas dos jornais por adversários políticos. Notícias divulgadas sem investigação jornalística mais profunda, acabam sendo banalizadas.

A sociedade precisa ter acesso aos fatos que a convençam. A esperada e saudável indignação não vai surgir com denúncias feitas sem provas. Histórias de corrupções em cores, fotos cruéis, denúncias vazias levam a quê? Será que com comédia e piadas é que se pretende apresentar fatos de tal relevância? Não há lugar para tanto *sense of humor* em um país onde a miséria seja tão grande quanto a nossa. Infelizmente, a hora não é para brincadeiras. Do contrário, as pessoas esperarão os jornais e revistas apenas ansiosas pelo próximo capítulo da novela das mil e uma corrupções brasileiras.

O que vai acontecer com os brasileiros? Vão se conformar com a corrupção, pois faz parte da vida? Sossegar ao saber que existem casos iguais em outros países? Perder a admiração pelos homens honestos? Ou ficar simplesmente entretidos com histórias de Sherazade?

A corrupção não pode se tornar mais uma distração entre os brasileiros.

Corrupção faz parte da natureza humana. Para controlar, a imprensa deve apresentar a denúncia com o máximo possível de provas. Só assim a sociedade pode reagir e a Justiça atuar. Os casos são contados muitas vezes apenas com insinuações e sem fatos. Muitos são esquecidos e substituídos por outros mais novos. Confundem as pessoas e levantam dúvidas sobre a veracidade da notícia. Não há tempo para se perder em histórias de mil e uma noites. Estamos escrevendo a história de um país de 130 milhões de habitantes. Gente muito sofrida. Pessoas não podem virar ficção. É preciso cuidado.

Folha de São Paulo, 12 julho de 1991

Toda produção exige planejamento, mesmo que a comunicação seja espontânea. Isso porque o uso da língua pressupõe um mínimo de organização:

- escolha e delimitação do tema,
- definição do objetivo,
- seleção de ideias relacionadas ao tema e objetivo,
- organização das ideias por causa /consequência, tempo/espço, enumeração, exemplificação, aspectos positivos/negativos, comparação;
- finalização e possíveis soluções.

Devemos observar também:

- os aspectos linguísticos, alguns mais complexos, outros menos, porém todos de extrema importância;
- a coerência e a coesão, fundamentais para a unidade de sentido;
- a capacidade argumentativa.

Alguns recursos podem nos auxiliar na sustentação da argumentação:

- argumentos de valor universal: informações que convencem o leitor, sem questionamento; ideias irrefutáveis;
- dados colhidos na realidade: uso de elementos que comprovem as afirmações (estatística, mídia);
- citações de autoridade: pesquisa, referências bibliográficas;
- exemplos e ilustrações: fatos, fotos, desenhos, gráficos, tabelas, histórias reais ou fictícias.

Esquematizando a produção textual de um texto argumentativo:

Tópico frasal ou Introdução: constituído por um ou dois períodos curtos iniciais, sintetiza (de modo geral e conciso) o assunto a ser tratado. Pode ser redigido:

- Estabelecendo-se um panorama histórico

“Tudo tem um preço. Nos últimos trezentos anos, o preço que a humanidade pagou por seu extraordinário desenvolvimento científico e tecnológico foi a perda da dimensão espiritual da existência. O homem afastou-se de Deus, isto é, de sua realidade mais íntima, e mergulhou numa profunda alienação. Esquecidos de quem somos, experimentamos então um triplice divórcio: da humanidade com a natureza (crise ecológica); dos homens, uns com os outros (crise ética, política, social e econômica); do indivíduo consigo mesmo (crise psicológica). Essas três contradições são diferentes faces de uma crise maior, de fundo espiritual, que alcançou escala planetária.”

- Narrando-se um fato (real ou fictício)

“A rua é mal iluminada e as paredes do sobrado, recém pintadas de branco, despertam a cupidez dos sete garotos. Eles avaliam a situação. São 22h10 de uma sexta-feira, ainda há algum movimento na rua Dr. Plínio do Amaral, que fica no Jardim da Saúde. Talvez seja melhor assim: o risco é maior.”

- A partir de citação

“No entender do escritor argentino Jorge Luis Borges, todos os poemas e romances escritos ao longo dos tempos não fizeram outra coisa a não ser repetir, em versões infinitas, sempre e apenas quatro histórias: a de uma cidade sitiada, a de uma viagem, a de uma busca, a do sacrifício de um deus. Creio que, nessa lista, pode-se somar uma quinta história perene: a de um homem que inventa ferramentas sempre mais sofisticadas para se livrar da escravidão do cansaço e reconquistar o éden do ócio prazeroso.”

- A partir de uma definição

“A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.”

- A partir de uma declaração

“O corpo humano evolui tão bem através dos tempos que o homem às vezes atrapalha, querendo injetar-lhe milagres para alcançar o impossível.”

- Retomando-se um provérbio

“O explorado adágio faça o que eu mando, não faça o que eu faço nem sempre é levado à risca nos setores públicos: tentar ignorar, não querer enxergar os erros cometidos até mesmo pelos superiores, tem levado ao país severas crises.

- A partir de uma ou mais de uma interrogação

“Quantos morreram pela liberdade de sua pátria? Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam? Quantos lutaram pela libertação dos escravos?”

- A partir de frase nominal seguida de explicação

“Clonagem. Clonagem de seres animados. Esta é uma técnica biológica que vai permitir a produção de peças humanas de reposição: cada indivíduo poderá ter seu banco de células para uso em caso de certas doenças.”

- Do geral para o particular

“Nem sempre o progresso é sinônimo de benefício. Com todo o avanço tecnológico, o homem modernizou os meios de transporte, mas não conseguiu diminuir a quantidade de acidentes de trânsito. Ontem, a vítima foi a empregada doméstica Ana da Silva.”

- A partir de comparação ou contraste

“Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo novo: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.”

Argumentação ou Desenvolvimento: constitui-se de alguns parágrafos que explicam, justificam, confirmam... a ideia expressa na introdução.

Meios para se chegar a uma argumentação eficaz:

- Estabelecendo uma relação de causa e efeito

“A falta de estrutura, recrutamento falho, péssimos salários, falta de comando digno e o corporativismo, que impera quando um policial comete um crime, são os principais responsáveis pela extorsão, tortura e assassinatos praticados por integrantes da PM.”

- Estabelecendo comparação ou contraste

“De um lado, o jornalismo que resiste às exigências do mercado: a prática do jornal vem marcada pela presença do autor da reportagem, da crônica, do ensaio; pelos voos ousados no campo da interpretação, da sensibilidade, da poesia(...)

De outro lado, o jornalismo que responde à tendência do mercado: tal jornalismo consagra os manuais de redação e estilo na produção do jornal, os quais ambicionam apagar a presença do autor e buscam, ao máximo, a prática da assim chamada escrita ‘objetiva’...”

“A primeira vez que percebi isso foi quando estudei administração de empresas no exterior. A sala de aula, para minha surpresa, era construída como anfiteatro, onde os alunos ficavam num plano acima do professor, não abaixo. Eram construídas em forma de ferradura ou semicírculo, de tal sorte que cada aluno conseguia olhar para os demais. O objetivo não era a transmissão de conhecimento por parte do professor, esta é a função dos livros, não das aulas.

As aulas eram para exercitar nossa capacidade de raciocínio, de convencer nossos colegas, de forma clara e concisa, sem “encher linguiça”, indo direto ao ponto. Aprenderíamos a ser objetivos, a mostrar liderança, a resolver conflitos de opinião, a chegar a um comum acordo e obter ação construtiva. Tínhamos de convencer os outros da viabilidade de nossas soluções para os problemas administrativos apresentados no dia anterior. No Brasil só se fica na teoria.

No Brasil, nem sequer olhamos no rosto de nossos colegas, e quando alguém vira o pescoço para o lado é chamado à atenção. O importante no Brasil é anotar as pérolas de sabedoria.”

- Exemplificando

“Vejam por exemplo um índio que vive tranquilamente em sua aldeia. Ele não fala outra língua, não conhece a nossa literatura, não vai ao teatro ou ao cinema. Mas nem por isso ele tem mais ou menos cultura do que nós, porque os valores e costumes da sua cultura são diferentes.”

- Enumerando argumentos

“O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade de consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras de nossos armazéns ora faltava manteiga, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou um ícone da liberdade no Leste Europeu.

A segunda liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir. Podemos até não ir a lugar algum, mas é gostoso saber que há um veículo parado à porta, concedendo permanentemente a liberdade de ir, seja para onde for. Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.

A terceira liberdade é a televisão. É a janela para o mundo. É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, ou estar tão perto das notícias quanto um presidente da República – que nos momentos dramáticos pode assistir às mesmas cenas pela CNN. É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes metamorfoseados em apresentadores de TV.

Uma “liberdade” recente é o telefone celular. É o gostinho todo especial de ser capaz de falar com qualquer pessoa, em qualquer momento, onde quer que se esteja. Importante? Para algumas pessoas, é uma revolução no cotidiano e na profissão. Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.

Há ainda uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada: a internet e o correio eletrônico. É um correio sem as peripécias e demoras do carteiro, instantâneo, sem remorsos pelo tamanho da mensagem (que se dane o destinatário do nosso attachment megabáitico) e que está a nosso dispor, onde quer que estejamos. E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas, onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.”

Conclusão: espécie de síntese que retoma o objetivo proposto na introdução e as ideias analisadas no desenvolvimento. Deve “amarrar” as ideias e fechar o texto reforçando o enfoque adotado. Pode, também, apresentar propostas ou sugestões para os problemas abordados ou questionar algum ponto que retome o desenvolvimento ou ainda citar um fato curioso, pequenas histórias, citações ou até mesmo um final poético.

Desta forma, a conclusão pode apresentar-se como:

- conclusão-resumo
- conclusão-proposta
- conclusão-surpresa

DEBATE

I) A SOCIEDADE TOLERA AGRESSÃO SEXUAL ÀS MULHERES? NÃO

REAÇÃO CONSCIENTE

ALBA ZALUAR - ESPECIAL PARA A FOLHA

05/04/2014

O problema é grave. A violência contra as mulheres é fenômeno mundial que deixa sérios efeitos, visto que pode levar logo a traumatismos, incapacitações e óbitos, mais tarde a mudanças fisiológicas e psicológicas induzidas pelo estresse decorrente do trauma. As mulheres que sofreram abusos têm altas taxas de gravidez não desejada, abortos, desfechos neonatais e infantis adversos, infecções sexualmente transmissíveis e transtornos mentais.

No Brasil, mudanças no aparato institucional já foram feitas. A legislação foi mudada com a Lei Maria da Penha e a de notificação compulsória. Já contamos com delegacias especiais para atender as mulheres agredidas. Existem em número crescente serviços que dão assistência às que sofrem violências.

A reação imediata de mulheres pelo país afora aos resultados da pesquisa do Ipea que revelou que um quarto da população acha que a mulher que exhibe seu corpo merece ser atacada, afirmando publicamente que seu modo de vestir é uma escolha livre e não a justificativa para o estupro, demonstra o quanto estão mais conscientes e organizadas. De fato, há também associações mais ou menos informais de proteção interna ao gênero funcionando há tempos, embora timidamente.

Mas a aplicação de leis e políticas para mulheres em todo o país é irregular e, principalmente, persistem preconceitos e covardias. Falta assegurar que a intolerância à violência contra as mulheres, duplamente covarde, chegue a todos os rincões e, sobretudo, nos corações e mentes de homens jovens instilando-lhes a vergonha de agir violentamente contra as mais desprotegidas entre as mulheres.

Os programas de prevenção primária que levem em conta a desigualdade de gênero ainda são poucos. Como afirmou Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU: "Peço aos governos que aproveitem as ideias e a liderança dos jovens para nos ajudar a pôr fim a essa violência pandêmica. Só então teremos um mundo mais justo, pacífico e equitativo".

E já sabemos onde e com quem intensificar tais ações. As zonas onde há mais coesão social por causa da homogeneidade étnica, religiosa e social, onde a moradia é de longa data e os vizinhos desenvolveram relações de confiança e ajuda mútua, onde há mais associações, essas zonas são as que apresentam taxas de criminalidade mais baixas, escolas mais eficazes, bem como adultos mais responsáveis que socializam os mais jovens segundo os valores e regras de

convivência claros, aprovados socialmente pelos locais, aí incluídos a proteção dos mais frágeis: mulheres, crianças e idosos.

Ao contrário, as mulheres – especialmente as que migram sozinhas e não são casadas – perdem a proteção dos seus parentes mais próximos e não têm tempo suficiente para desenvolver relações de confiança e de solidariedade com os vizinhos onde elas vivem. Isso as atinge justamente na faixa de idade de maior produtividade no trabalho e também de maior fecundidade, ou seja, dos 15 aos 35 anos de idade.

O meu "não", portanto, deve ser entendido como cautela em interpretar os percentuais de aprovação constados na pesquisa do Ipea, como aposta na capacidade de denúncia e reação das mulheres e suas organizações, como esperança de que o aparato institucional existente torne-se mais eficaz em deter abusos e agressões contra as mulheres. Nunca como uma subestimação do problema que tais violências provocam.

Esse tipo de pesquisa que afirma respostas e pede para confirmar têm um viés. Suscitam o espelhamento mais do que o julgamento dos entrevistados. Estes manifestam a tendência em concordar com o que diz o pesquisador. Os números estão provavelmente exagerados.

Mãos e mentes à obra!

ALBA ZALUAR é professora titular de antropologia no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2014/04/1436191-a-sociedade-tolera-agressao-sexual-as-mulheresnao.shtml>>

II) A SOCIEDADE TOLERA AGRESSÃO SEXUAL ÀS MULHERES? SIM

O OVO DA SERPENTE

RENATO JANINE RIBEIRO - ESPECIAL PARA A FOLHA 05/04/2014

A sociedade brasileira é pouco politizada. Tem razão a "Economist" quando nos dá uma nota boa em democracia, só que maior no que diz respeito às instituições do que à cultura política.

Ao menos desde o período Juscelino Kubitschek, nos saímos melhor nos costumes do que na política. Não sei como foi antes do presidente bossa-nova. A ditadura militar teve de tolerar, de bom ou mau grado, uma juventude que rompia com as convenções nas artes, no relacionamento amoroso e de modo geral nos costumes (aquilo que a mídia hoje chama de "comportamento"). Enquanto o Estado, sequestrado pelos golpistas, reprimia e matava, a sociedade florescia. Esse avanço beneficiou o que era alternativo, tendo inclusive, nos anos 70 e 80, forte apoio desta Folha.

Assim, melhorou a condição feminina. Quem dos mais novos imagina que na década de 1980 existia um "movimento machista mineiro", que defendia o direito do "macho" a matar a mulher, ante a mera suspeita de que ela o traísse? Quem lembra que foi preciso pichar paredes com o slogan "Quem ama não mata" para não só penalizar o assassinato que era denominado "legítima defesa da honra", como também e sobretudo para educar os homens a respeitar as mulheres? Em tudo isso, avançamos.

No entanto, nos últimos anos, com a tolerância e por vezes até algum estranho prazer de secções da mídia, e o decidido engajamento de umas confissões religiosas, tem havido uma reação a essas conquistas – que não são apenas das mulheres. Porque toda repressão às chamadas minorias é na verdade uma forma do repressor recalcar, nele mesmo, as condutas mais livres, liberais ou libertárias que ele inveja no grupo minoritário.

Uma questão relevante, o direito ao aborto, foi praticamente excluída do horizonte do viável, devido a uma manipulação propagandística nas últimas eleições presidenciais.

Pior, cresce a ideia de que certas mulheres são culpadas por excitarem homens sexualmente, o que justificaria, pelo menos em parte, as agressões de que são vítimas.

No Brasil, muitos acreditam que pode ser atacada uma mulher que se veste de modo provocante, segundo pesquisa do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Na Arábia Saudita, país que crucifica e degola seus presos, a culpa é das mulheres que se maquiam: 86,5% dos homens acham isso (sério, veja em tinyurl.com/mjdwfql).

Deixando claro: há mulheres, sim, que têm prazer em excitar um desejo sexual e, depois, têm novo prazer em não o satisfazer. Essa não é uma conduta elogiável – mas não autoriza ninguém a estuprá-las ou sequer assediá-las. Podemos discutir o que leva uma mulher a ser "allumeuse", aquela que acende o desejo só pelo gosto de acender.

Faz parte do debate sobre a dificuldade atual com os laços humanos. Mas entender o narcisismo não é justificar a agressão. Se um homem se sente provocado, que se controle.

Na verdade, o sinal de um recuo nos costumes não está ainda sendo dado no campo das mulheres, mas no trato com os homossexuais. Só que políticos que pregam contra os gays também condenam mulheres independentes. Crimes de ódio contra os homossexuais crescem. Contam com a simpatia, às vezes travestida de compreensão, de colunistas.

É aí que está sendo chocado o ovo da serpente. Ou difundimos uma educação democrática, que respeite os modos de ser diferentes, ou vamos perder as conquistas, em termos de liberdade pessoal, das últimas décadas. As agendas de direitos humanos estão sendo sacrificadas a acordos políticos. Não podemos aceitar o retrocesso que paira no ar. O momento é decisivo.

RENATO JANINE RIBEIRO, 64, é professor titular de ética e filosofia política do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. É autor de "República", entre outras obras.

7) ESTILO E LINGUAGEM DA COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL

Principais problemas da comunicação empresarial:

- Famosa troca oral de informação (“quem conta um conto, aumenta um ponto”)
- Falta de credibilidade para com as lideranças (texto complexos = “querem nos enrolar”)
- Retrabalho para todos os envolvidos (informações inadequadas ou insuficientes)
- Conflitos internos constantes (cultura interna de desagregação)
- Mensagens externas que não funcionam como geratrizes de novos negócios

Eficácia de um texto empresarial:

- Medida pela resposta
- Obtida por mecanismos de persuasão

Qualidades do texto empresarial:

- Clareza (organização mental e utilização conveniente da língua)
- Linguagem simples e formal (economia de tempo e imagem positiva)
- Objetividade (ênfase às ideias relevantes e descarte das ideias supérfluas)
- Frases curtas
- Correção gramatical
- Concisão (máximo de informações em um mínimo de palavras)
- Coerência (encadeamento e harmonia entre partes do texto)

TEXTO CURIOSO: O COMETA HALLEY E AS PÉROLAS DA COMUNICAÇÃO

Veja neste texto como os desvios da comunicação podem alterar as mensagens enviadas.

De: Diretor Presidente

Para: Gerente

Na próxima sexta-feira, aproximadamente às 17h, o cometa Halley estará nesta área. Trata-se de um evento que ocorre a cada 78 anos. Assim, por favor, reúna os funcionários no pátio da Fábrica, usando capacetes de segurança, quando eu explicarei o fenômeno a eles. Se estiver chovendo, não poderemos ver o raro espetáculo a olho nu, sendo assim, todos deverão se dirigir ao refeitório, onde será exibido um filme “Documentário sobre o Cometa Halley”.

De: Gerente

Para: Supervisor

Por ordem do Diretor-Presidente, na sexta-feira às 17h, o cometa Halley vai aparecer sobre a Fábrica, a olho nu. Se chover, por favor, reúna os funcionários, todos com capacetes de

segurança e os encaminhe ao refeitório, onde o raro fenômeno terá lugar, o que acontece a cada 78 anos.

De: Supervisor

Para: Chefe de Produção

A convite de nosso querido Diretor, o cientista Halley, 78 anos vai aparecer nu às 17h no refeitório da Fábrica, usando capacete, pois vai ser apresentado um filme sobre o raro problema da chuva na segurança. O diretor levará a demonstração para o pátio da Fábrica.

De: Chefe de Produção

Para: Mestre

Na sexta-feira às 17h, o Diretor pela primeira vez em 78 anos, vai aparecer nu no refeitório da Fábrica, para filmar Halley, o cientista famoso e sua equipe. Todo mundo deve estar lá de capacete, pois vai ser apresentado um show sobre a segurança na chuva. O diretor levará a banda para o pátio da Fábrica.

De: Mestre

Para: Funcionários

Todo mundo nu, sem exceção, deve estar com os seguranças no pátio da Fábrica na próxima sexta-feira, às 17h, pois o Sr. Diretor e o Sr. Halley, guitarrista famoso, estarão lá para mostrar o raro filme “Dançando na chuva”. Caso comece a chover mesmo, é para ir pro refeitório de capacete na mesma hora. O show ocorre a cada 78 anos.

Aviso Geral

Na sexta-feira, o chefe da Diretoria vai fazer 78 anos e liberou geral pra festa à 17h, no refeitório. Vão estar lá, pago pelo manda-chuva, Bill Halley e seus cometas. Todo mundo deve estar nu e de capacete, porque a banda é muito louca e o rock vai rolar até o pátio, mesmo com chuva.

Fonte: Desconhecida

8) PRINCIPAIS EMPECILHOS NA REDAÇÃO EMPRESARIAL: OS VÍCIOS

Vício: hábito que se tornou padrão, adquirindo um caráter negativo:

- **Verbosidade:** dizer de forma rebuscada o que pode ser dito de maneira simples.
 - Vocabulário sofisticado.
 - Frases ou parágrafos longos.
 - Construções intercaladas e ou invertidas.

Exemplo: *Como resultante de persistente e continuado suprimento insatisfatório do componente J-7 (arruela de equilíbrio do rotor interno), foi determinado pela autoridade competente que adicionais e/ou novos fornecedores do componente acima mencionado deveriam ser procurados com vistas a aumentar o número de peças que deveriam ser mantidas disponíveis no armazém de depósito.*

Dica: O rebuscamento deve ser suprimido em nome de um contexto mercadológico que exige uma informação de mais rápido entendimento e maior agilidade de resposta.

- **Chavões:** expressões antiquadas e/ou repetidas já condicionadas ao texto empresarial.

Exemplos:

- Em introduções.

Vimos, através desta, solicitar... É preferível entrar direto no assunto

Venho, pela presente, solicitar a V.Sª... É preferível entrar direto no assunto

Acusamos o recebimento de seu ofício... É preferível Recebemos

Em resposta ao contrato referenciado...

- Em fechos.

Reiteramos os protestos de elevada estima e consideração. É preferível Atenciosamente

Sem mais para o momento. É preferível Atenciosamente

- **Tautologias:** repetição de uma ideia, de forma viciada, com palavras diferentes, mas com o mesmo sentido.

<i>elo de ligação</i>	<i>acabamento final</i>	<i>certeza absoluta</i>
<i>quantia exata</i>	<i>nos dias 8, 9 e 10, inclusive</i>	<i>como prêmio extra</i>
<i>juntamente com</i>	<i>expressamente proibido</i>	<i>fato real</i>
<i>encarar de frente=enfrentar</i>	<i>multidão de pessoas</i>	<i>amanhecer o dia</i>
<i>criação nova</i>	<i>retornar de novo</i>	<i>empréstimo temporário</i>
<i>surpresa inesperada</i>	<i>em duas metades iguais</i>	<i>escolha opcional</i>
<i>sintomas indicativos</i>	<i>planejar antecipadamente</i>	<i>há anos atrás</i>
<i>abertura inaugural</i>	<i>vereador da cidade</i>	<i>continua a permanecer</i>
<i>outra alternativa</i>	<i>a última versão definitiva</i>	<i>detalhes minuciosos</i>
<i>possivelmente poderá ocorrer</i>	<i>a razão é porque</i>	<i>comparecer em pessoa</i>
<i>anexo junto à carta</i>	<i>gritar bem alto</i>	<i>de sua livre escolha</i>
<i>propriedade característica</i>	<i>superávit positivo</i>	<i>desanimadamente excessivo</i>
<i>todos foram unânimes</i>	<i>a seu critério pessoal</i>	<i>conviver junto</i>

<i>exceder em muito</i>	<i>completamente vazio</i>	<i>compartilhar conosco</i>
<i>repetir outra vez</i>	<i>interromper de uma vez</i>	<i>terminantemente proibido</i>

- **Coloquialismo excessivo:** linguagem muito informal ou muito familiar. Gera falta de credibilidade.
- **Jargão técnico fora de contexto:** maneira característica e específica de um determinado grupo se comunicar.

Exemplo: *Visando ajudar os órgãos no entendimento da circular 4522/95, esclarecemos que, no âmbito interno, há uma delegação subentendida da direção da Companhia aos superintendentes de órgãos e chefes de serviço, via tabela de limite de competência, para definir que contratos devem ter prosseguimento nas bases pactuadas e quais os ou deverão ser objeto de reavaliação.*

- **Gerundismo:** além de gramaticalmente incorreto, não ajuda na credibilidade de um profissional ou de uma empresa.

Exemplos:

Amanhã vamos estar almoçando...

Eu vou estar passando um e-mail (?!...)

Você pode também estar passando por fax...

Nós vamos estar mandando pelo correio...

- **Ambiguidade:** é provocada pela má ordenação dos termos na frase ou orações redigidas sem revisão.

Exemplos:

O supervisor discutiu com o assistente e estragou seu dia.

- **Circunlóquios (ou perífrase):** processo que consiste em dizer em muitas palavras o que se poderia dizer em poucas.

Circunlóquio	Construção adequada
<i>chegar a uma conclusão</i>	<i>Concluir</i>
<i>chegar a uma decisão</i>	<i>Decidir</i>
<i>com o propósito de/com o intuito de</i>	<i>Para</i>
<i>conduzir uma investigação a respeito</i>	<i>Investigar</i>
<i>constata-se que estão de acordo com</i>	<i>Concordam</i>
<i>durante o tempo em que</i>	<i>Enquanto</i>
<i>em vista do fato de</i>	<i>Porque</i>
<i>fazer um exame</i>	<i>Examinar</i>
<i>grande quantidade de</i>	<i>muitos/inúmeros</i>
<i>levar a efeito um estudo</i>	<i>Estudar</i>
<i>levar a efeito uma tentativa</i>	<i>Tentar</i>
<i>neste preciso momento</i>	<i>Agora</i>
<i>pode bem suceder que</i>	<i>Talvez</i>

<i>que se conhece pelo nome</i>	<i>Chamado</i>
<i>se admitirmos que</i>	<i>Se</i>
<i>tem a capacidade de</i>	<i>Pode</i>
<i>tomar em consideração</i>	<i>Considerar</i>
<i>um grande número de</i>	<i>Muitos</i>
<i>um pequeno número de</i>	<i>Poucos</i>

- **Frases feitas:** são frases, construções ou combinações de palavras que se tornam desgastadas pela repetição excessiva e perdem a força original. Revelam falta de originalidade. São os ditos clichês ou lugares-comuns.

Exemplos:

a toque de caixa

agradar a gregos e troianos

cartada decisiva

chegar a um denominador comum

contabilizar a perda

dispensa apresentações

grata satisfação

inserido no contexto

leque de opções

perda irreparável

9) REDAÇÃO EMPRESARIAL

Correio Eletrônico

Observe, a seguir, algumas dicas para redigir de modo adequado as mensagens enviadas pelo correio eletrônico:

- ▶ em vez de quebrar o e-mail, deve-se responder em texto personalizado;
- ▶ escrever de maneira rápida exige bom poder de síntese e boa capacidade de ler e reler, para editar o texto antes de enviá-lo;
- ▶ quando o e-mail é enviado em substituição a um bilhete ou contato telefônico, a linguagem usada pode ter maior grau de informalidade; devem-se evitar erros que comprometam a imagem do redator e da instituição;
- ▶ quando o meio eletrônico substitui memorando ou comunicado interno, a formalidade aumenta, tendo em vista o conteúdo e o destinatário.
- ▶ dar preferência, portanto, a frases curtas;
- ▶ a pontuação requer cuidados especiais, pois sinais ausentes ou inadequados podem alterar o sentido do que se pretende dizer;
- ▶ reler o e-mail e editá-lo antes do envio são atitudes que ajudam a garantir que a mensagem pretendida seja condizente com o que se escreveu;
- ▶ para otimizar o tempo de leitura, o item "assunto" já deve anunciar com clareza o tópico frasal, ou seja, uma síntese do tema principal do texto:

De: Gabriela

Para: Armando

Assunto: Cancelamento da reunião de 11/02/2010

- ▶ o correio eletrônico deve ser verificado com frequência;
- ▶ a resposta é aguardada *ASAP, as soon as possible* (tão cedo quanto possível), o que é entendido como imediatamente;
- ▶ é elegante responder a todas as mensagens recebidas, no mínimo para acusar o recebimento;
- ▶ nada de cobrar do colega uma posição discutida por e-mail e, se houver urgência para decidir algo, é melhor optar por telefonar ao colega, na impossibilidade de encontrá-lo pessoalmente;
- ▶ prega a boa educação que não se tenha acesso ao texto sem a permissão do destinatário;
- ▶ nunca se deve repassar o texto recebido de uma pessoa para outras, exceto com o consentimento dela;
- ▶ é preciso ter domínio da linguagem escrita para conseguir envolver o leitor e trabalhar com as emoções dele, dispondo-o para o riso, a tristeza, a curiosidade etc.;
- ▶ evitar expor-se emocionalmente por e-mail, pois as chances de ser mal interpretado são grandes;
- ▶ não é civilizado escrever em CAIXA ALTA, como se estivesse gritando;
- ▶ brincadeiras também devem ser evitadas;
- ▶ as informações veiculadas devem ter credibilidade e não comprometer a empresa e os demais profissionais;

- ▶ não há espaço para enviar a piada mais engraçada do mundo ou a corrente que trará a felicidade eterna e, portanto, não pode ser quebrada;
- ▶ a redação adequada de e-mails, com concisão, coesão e coerência textuais, forma uma imagem afirmativa do autor. As empresas sabem disso, por isso valorizam cada vez mais quem sabe se expressar bem por escrito e pode representá-las com dignidade. Muitas delas criam um código de ética que deve ser usado por todos os que utilizam o correio eletrônico em nome da empresa.

ATENÇÃO PARA ENTREVISTAS DE EMPREGO...

Respostas reais dadas por candidatos a empregos, extraídas da Revista Exame de 29/08/2004, página 114.

Entrevistador – Então, você está construindo um networking?

Candidato – Veja bem, eu não sou engenheiro, sou administrador.

Entrevistador – Como você administra a pressão?

Candidato – Ah, tranquilo. 11 por 7, no máximo 12 por 8.

Entrevistador – Manter sempre o foco é muito importante. E me parece que você tem alguns lapsos de concentração.

Candidato – O senhor poderia repetir a pergunta?

Entrevistador – Como você se sente trabalhando em equipe?

Candidato – Bom, desde que não tenha gente dando palpite, me sinto bem.

Entrevistador – Nós somos uma empresa que nunca para de perseguir objetivos.

Candidato – Que ótimo. E já conseguiram prender algum?

Entrevistador – Vejo que você demonstra uma tendência para discordar.

Candidato – Muito pelo contrário.

Entrevistador – Em sua opinião, quais seriam os atributos de um bom líder?

Candidato – Ah, são várias coisas. Mas a principal é a liderança.

Entrevistador – Noto que você não mencionou a sua idade aqui no currículo.

Candidato – É que eu uso óculos, e isso me faz parecer mais velho.

Entrevistador – E qual a sua idade?

Candidato – Com óculos ou sem óculos?

Entrevistador – Quais seriam seus pontos fracos?

Candidato – Ah, é o joelho. Até tive de parar de jogar futebol.

Entrevistador – Há alguma pergunta que você gostaria de fazer?

Candidato – Eu parei meu carro lá na rua. Será que eu vou ser multado?

Entrevistador – Por que, dentre tantos candidatos, nós deveríamos contratá-lo?

Candidato – Bem, eu pensei que responder a isto fosse seu trabalho. (essa eu gostei!)

Entrevistador – Várias pessoas que se sentaram aí nessa mesma cadeira hoje são gerentes.

Candidato – Puxa, o fabricante da cadeira vai ficar muito feliz em saber disso.

Entrevistador – Quando digo “sucesso”, qual a primeira palavra que lhe vem à mente?

Candidato – Pode ser suas palavras?

Entrevistador – Pode.

Candidato – Milho. Nário. (essa matou!)

10) COMUNICAÇÃO ORAL

Tipos de comunicador... problema

Quem já não vivenciou uma situação de comunicação oral, em que teve vontade de contar quantas vezes o palestrante falou: tá? né? entendeu? Ou ainda ficou nervosamente apertando as mãos, estalando os dedos, demonstrando insegurança, apatia e desconhecimento das técnicas necessárias à arte de falar bem em público?

Isso é um reflexo de comunicadores, cujos vícios de linguagem e tiques corporais transformam as reuniões, aulas e congressos em verdadeiras sessões de tortura, tanto para quem ouve como para quem fala.

Assim, seguindo a classificação proposta por Eunice Mendes em *Técnicas de comunicação para o sucesso empresarial*, analisemos alguns tipos de comunicador, que, com certeza, têm problemas.

a) O tímido

Para ele, estar ali, parece ser um grande sacrifício. Por isso, emite as palavras com dificuldade, olha para o teto, para o chão ou para o nada; gagueja (mesmo tendo se preparado e organizado); perde-se com frequência. Fala com voz baixa e sua dicção e articulação são deficientes. Parece pedir desculpas por estar ocupando aquele espaço. Seu corpo é todo reflexo do nervosismo que experimenta: boca seca, respiração difícil, transpiração no rosto e nas mãos. Quanto a seus olhos, mostram-se constantemente assustados.

b) O egocêntrico

A plateia é seu espelho, pois reflete todas as suas qualidades. A palavra *eu* é a mais importante de seu vocabulário. Utiliza todas as regras de oratória para seduzir a plateia e deseja receber aplausos todo o tempo.

Tudo nele é milimetricamente estudado: seu sorriso é profissional e ele é o exemplo do sucesso ambulante.

Quando fala em público, o que mais lhe interessa são os seguintes dados:

- quantos cursos já realizou;
- quantos livros escritos por ele já foram vendidos;
- quantas pessoas já compareceram a seus cursos;
- quanto dinheiro já ganhou;
- quantos títulos já conquistou.

c) O erudito

Utilizando palavras em desuso, fala difícil. Gosta de citar frases de autores famosos. Emprega excessivamente palavras estrangeiras, gírias profissionais, linguagem técnica, porque essa é uma forma de usufruto do poder. Prefere ficar sentado e utilizar um tom professoral. Como seu prazer provém da exibição de sua cultura, não se preocupa em obter *feedback* da plateia. Por julgar que sua cultura o exime de qualquer questionamento, não admite interrupções nem contestações.

d) O hipnotizador

Expressa-se de forma muito pausada, causando sonolência na plateia.

e) O modesto

É subserviente em relação à plateia.

Em minha modesta opinião...

Não sei se vou conseguir, pois não tenho a cultura nem a experiência necessárias, mas vou tentar explicar aqui, como um escravo da profissão...

Desculpem as minhas falhas, são fruto da minha ignorância.

Termino aqui, porque era só o que eu tinha a dizer.

Não estou à altura desta seleta plateia.

Perdoem-me por ter roubado o tempo de vocês.

f) O verborrágico

Prolixo, fala sem parar porque considera suas ideias as mais importantes. Quase não dirige o olhar para a plateia.

g) O despreparado

Confiante na ajuda divina, não se prepara. Considera o imprevisto excitante. Por isso, desconhece as necessidades do público, suas ideias mostram-se confusas, não sabe utilizar os recursos audiovisuais... Tem-se sempre a impressão de que, para ele, o evento foi uma surpresa.

h) O espalhafatoso

Tudo nele é excessivo: o colorido das roupas, a largura da gravata. Está sempre arrumando o cabelo e a roupa, admirando as próprias unhas. Seus gestos são largos, procurando tornar suas palavras mais eloquentes do que realmente são. É praticamente impossível prestar atenção no que ele diz.

Orientações para uma comunicação oral eficiente:**I. Preparando-se para falar**

1. Escolha o assunto ou texto a ser apresentado.
2. Elabore um roteiro das ideias principais.
3. Estude o roteiro.
4. Ensaie a apresentação, verificando se ela está dentro do tempo previsto.

II. No momento da apresentação

1. Cumprimente os ouvintes.
2. Informe qual o assunto que será falado.
3. Informe qual o objetivo do que será exposto.
4. Alerta a plateia sobre a importância deste conteúdo para a mesma.
5. Apresente o conteúdo.

6. Conclua, avisando que isso irá acontecer, apresentando uma rápida retomada do que foi explicado e /ou proponha uma reflexão ou estratégia de ação. Agradeça a atenção de todos.

Composição de uma apresentação

De acordo com Polito (1998), uma apresentação ordenada de forma correta possui quatro partes principais:

- Introdução (Motivação)
- Preparação
- Assunto Central (Desenvolvimento)
- Conclusão

a) Introdução

Momento fundamental do discurso, pois é aqui que cativamos a atenção do ouvinte. Assim, é preciso levar em conta o público e as circunstâncias que cercam a apresentação, procurando conquistar a atenção da plateia, romper possíveis resistências e conquistar uma disposição favorável por parte de quem nos ouve. Apesar disso, deve ser breve, ou seja, não ultrapassar 10% do tempo do discurso todo.

Toda introdução tem início com o vocativo, que é o cumprimento ao público. Na sequência, os recursos mais usados podem ser:

I) Em qualquer situação:

- Referir-se à ocasião (fazer um rápido comentário sobre a presença dos ouvintes no ambiente e uma breve referência ao tema que será abordado);
- Elogiar ou valorizar a plateia;
- Falar das características positivas do orador;
- Destacar as qualidades do concorrente ou adversário.

II) No caso de os ouvintes serem indiferentes:

- Lançar frase ou informação que provoque impacto (esta frase deve ser feita como se fosse uma manchete na capa de um jornal sensacionalista, porém nunca falsa ou mentirosa);
- Contar um fato bem humorado (é diferente da piada – que nunca deve ser usada. Trata-se de uma informação que com presença de espírito e um certo exagero, transmitimos à plateia. Ela nasce da própria situação ou da mensagem que estamos comunicando);
- Narrar uma história interessante;
- Propor uma reflexão (que excite a curiosidade sobre o assunto e se relacione de alguma forma com os ouvintes);
- Apresentar a utilidade, as vantagens e os benefícios do assunto.

III) No caso de o público ser hostil:

- Se a hostilidade for em relação ao tema, construir um campo de neutralidade (se a rejeição do público ao tema, for informada com antecedência, é possível fazer um levantamento de todas as posições defendidas pela plateia e descobrir com quais estamos de acordo, sem prejuízo de nossos objetivos. Tais posições estabelecerão uma harmonia entre orador e auditório, o qual deduzirá que o palestrante defende as mesmas ideias que as suas. Estará criado o campo de neutralidade.).
- Se a mesma for em relação ao orador, é preciso verificar se ela ocorre por:
 - a) falta de credibilidade – neste caso, demonstrar conhecimento e experiência de forma sutil;
 - b) devido à pouca idade ou inexperiência – uma saída é fazer uma citação, transferindo para si a credibilidade do autor;
 - c) pelo fato de ser desconhecido – observar se na plateia existe alguém que você conheça e possua algum tipo de representatividade junto àquele grupo. Faça referências a ela como se fosse muito conhecida. Caso não haja... outra forma de vencer esta barreira é fazer um comentário sobre um fato ocorrido, que seja do conhecimento dos ouvintes e que , é claro, tenha relação com o assunto da palestra. Outra forma, ainda, é fazer referência a lugares ou objetos que nele se encontram, algo que se relacione com a plateia, a fim de que se estabeleça uma identidade com o auditório;
 - d) devido à inveja ou rivalidade – elogiar sinceramente o auditório.
- Se a hostilidade for em relação ao ambiente, fazer promessa de brevidade e cumpri-la.

São inadequadas as introduções que:

- não tenham relação com o assunto;
- não conquistem o público;
- sejam muito previsíveis.

Numa introdução deve-se evitar:

- contar piadas;
- pedir desculpas ao auditório;
- fazer perguntas, quando não se deseja resposta;
- começar com palavras inconsistentes (bem, bom...);
- tomar partido sobre assuntos polêmicos ou controvertidos;
- usar chavões ou frases feitas;
- mostrar-nos muito humildes diante de ouvintes importantes;
- criar expectativas que não possam ser cumpridas;
- explicar a falta de tempo para expor o que desejamos.

b) Preparação

É o momento em que procuramos facilitar o entendimento do ouvinte em relação à mensagem.

Constitui-se dos seguintes elementos: proposição, narração e divisão.

I) Na proposição, informamos o assunto e nossos objetivos.

Poderá ser suprimida em três situações:

- se o assunto contrariar o interesse do público;
- se os ouvintes já souberem qual é o assunto e seu objetivo;
- se o assunto for controvertido.

II) Já a narração é a parte em que apresentamos os motivos e os fatos que sustentam o desenvolvimento do assunto central. Pode ser feita através do levantamento de problemas ou da apresentação de soluções para os mesmos, bem como por um retrospecto em relação ao fato exposto (histórico).

III) Finalmente, a divisão é a informação dos segmentos em que o assunto será dividido e apresentado. Não deverá ser utilizada, principalmente, quando o assunto tiver apenas uma parte ou quando a apresentação for muito curta.

c) Assunto Central

O assunto central é a apresentação do conteúdo propriamente dito.

Nesta etapa, os argumentos devem ser bem organizados, a fim de transmitir uma mensagem coerente e coesa. Desse modo, é aconselhável que eles sejam apresentados (como nos sugere Polito, 1998) seguindo alguns critérios, tais como:

- ordenação no tempo (informa quando os fatos ocorreram e utiliza informações no passado, no presente e no futuro);
- ordenação no espaço (indica onde os fatos ocorreram e os analisa conforme as circunstâncias que os cercaram naquele local);
- ordenação de causa e efeito (indica quais os motivos que ocasionaram o fato em questão);
- ordenação pelos prós e contras (consiste em analisar os dois lados de uma ideia, podendo ou não tomar partido por um deles);
- ordenação pela experiência (quando revelamos aos ouvintes que já passamos por situações similares àquela que está sendo vivida e informamos como fomos mudando a nossa opinião e quais os motivos que nos levaram a agir como fazemos hoje);
- ordenação pela solução de problemas (consiste em resolver questões propostas na narração);
- ordenação crescente (o orador parte de informações menores ou básicas até chegar às maiores ou mais complexas).

É parte, ainda, do assunto central, a **refutação**. Esta consiste na defesa das possíveis objeções expressas ou não pelos ouvintes.

Quando refutar?

- Imediatamente, se a objeção for para um argumento específico;
- Logo após a apresentação das ideias, se a objeção for para todos os argumentos ou um grande número deles;
- Desde o início do discurso, se soubermos que haverá objeções.

Como refutar?

- Negando as afirmações feitas sem provas;
- Contestando as provas contrárias.

Facilitadores do entendimento da mensagem:

- elementos de transição: expressões ou frases usadas para ligar suavemente a sequência das ideias ou as partes da apresentação;
- exemplos;
- testemunhos;
- estatísticas;
- definições.

d) Conclusão

É o momento em que fazemos a plateia refletir e agir de acordo com nossas propostas.

Possui as seguintes características:

- deve ser breve (menor ainda que a introdução);
- deve ser anunciada, fazendo com que os ouvintes fiquem mais atentos.

Possui dois elementos fundamentais:

- recapitulação (momento em que contamos em uma ou duas frases, a essência do que acabamos de apresentar. Poderá ser suprimida se o discurso for breve);
- epílogo (momento em que as palavras devem ser dirigidas mais para os sentimentos do que para a razão).

Sugestões de alguns epílogos:

- propor uma reflexão;
- usar uma citação ou frase poética;
- solicitar ação;
- elogiar o auditório;
- aproveitar um fato bem-humorado;
- contar um fato histórico ...

Cuidados especiais ao concluir:

- evitar expressões como: “Era isso o que eu tinha para dizer.”; “Esta era a minha parte.”;
- não ficar estático diante do público esperando que os aplausos cessem;
- não comentar seus sentimentos negativos sobre a sua *performance*;
- programar a sua saída para não ficar parado diante da plateia, sem saber para onde ir.

PROJETO DE COMUNICAÇÃO ORAL

1. Nomes dos integrantes da equipe: (ordem alfabética)
2. Assunto: (escolher um que seja do interesse do grupo que irá apresentar, mas que não descontente os demais integrantes da classe; de preferência relacionado à sua área / Ex. Alimentação)
3. Delimitação do Assunto: (parte específica do assunto sobre o qual irá falar / Ex. Alimentação à base de fibras)

4. Objetivos: (mínimo três; devem ser iniciados com verbos no infinitivo) Obs. Os objetivos completam a seguinte sentença mental: “Na minha fala, eu vou...”
5. Justificativas: (definição da importância do assunto para os ouvintes / com o que sua fala irá contribuir para o conhecimento dos colegas)
6. Tempo de exposição: (6 a 8 minutos para cada integrante do grupo)
7. Motivação a ser usada: (descrevê-la detalhadamente / A motivação é a estratégia de introdução que será usada para cativar a atenção dos ouvintes para o assunto / Ex. um vídeo; uma dinâmica de grupo; uma música; uma propaganda; uma história...)
8. Recursos audiovisuais que serão empregados: (multimídia, microfone...)
9. Bibliografia: (organizada de acordo com a ABNT).

AValiação: I. Quanto à equipe:

- Escolheram bem o tema?
- Prepararam-se com adequação?
- Houve entrosamento?

II. Quanto à participação individual:

1. Pronunciou bem as palavras?				
2. Usou a voz com boa intensidade?				
3. A velocidade e o ritmo foram adequados?				
4. Manteve bom ritmo?				
5. O vocabulário foi adequado?				
6. “Cuidou” da gramática?				
7. Manteve postura adequada?				
8. Demonstrou interesse e satisfação ao falar sobre o assunto escolhido?				
9. Usou as “expressões proibidas”?				
10. A motivação foi adequada?				
11. Apresentaram o trabalho dentro do tempo previsto?				

DEZ CUIDADOS BÁSICOS PARA AUMENTAR O DOMÍNIO DO IDIOMA E MELHORAR A CAPACIDADE DE COMUNICAÇÃO

1. A concordância

Sintaxe		
O tropeço	A explicação	O correto
"Fazem" três semanas que viajei.	"Fazer", quando exprime tempo, é impessoal, fica no singular.	"Faz"
Chegou "em" São Paulo "a" dois dias e partirá daqui "há" cinco horas, a trabalho.	Verbos de movimento exigem "a", e não "em" (vai ao cinema, levou a família à praia).	Chegou "a" São Paulo "há" dois dias e partirá daqui "a" cinco horas, a trabalho.
"Houveram" muitos carros na estrada.	"Há" indica passado (= "faz") e "a" indica distância ou tempo futuro (não equivale a "faz"). "Haver", como "existir", é invariável.	"Houve"
"Há" dez dias "atrás" eu estava no Nordeste.	Redundância. "Há" e "atrás" têm a mesma função de indicar passado na frase.	"Há dez dias eu estava no Nordeste" ou "Dez dias atrás eu estava no Nordeste"
Se eu "ver" o agente de viagens de novo...	A conjugação de "ver" é: "se eu vir, revir, prever". Do verbo "vir": "se eu vier".	Se eu "vir"
Eis o roteiro "onde" baseei a viagem.	O advérbio ou o pronome relativo "onde" expressa a ideia de lugar: "O hotel onde fiquei").	Eis o roteiro "em que" baseei a viagem.
Não "lhe" vi no aeroporto.	O pronome "lhe" substitui "a ele", "a você", por isso não pode ser usado com objeto direto: "não o convidei"; "a mulher o deixou"; "ele a ama".	Não o "vi"
Para "mim" passar o réveillon.	O pronome aqui age como sujeito da frase. Portanto, "mim" não passa o réveillon, porque não pode ser sujeito. Daí: "para eu passar", "para eu trazer", "para eu definir".	Para "eu" passar
Entre "eu" e você.	Depois de preposição (no caso, "entre"), usa-se "mim" ou "ti".	Entre "mim" e você.
Preferi sair da	Prefere-se sempre uma coisa "a"	Preferi sair "a"

cidade "do que" ficar.	outra.	ficar.
A guia era "meia" boba.	"Meio", como todo advérbio, não varia (não vai para o plural nem muda de gênero).	"meio" boba
"Existe" muitos hotéis na região.	Verbos como "existir", "bastar", "faltar", "restar" e "sobrar" admitem o plural.	Existem

2. Cuidados na escrita das palavras

Ortografia

O tropeço	O Correto
Advinhar	Adivinhar
Ascensão	Ascensão
Beneficiente	Beneficente
Excessão	Exceção
Pego em "gragrante"	"Flagrante" ("fragrante" refere-se a "fragrância", odor)
Impecilho	Empecilho
"Mal" uso	"Mau" ("bom" x "mau"; "bem" x "mal")
Paralizado	Paralisado
Pixar	Pichar
"Porque" você foi?	"Por que" (separado). Se estiver dada ou subentendida a palavra "razão", é escrito separadamente. Reserve "porque", junto, para as respostas
Previlégio	Privilégio
Vultuoso	Vultoso
Frustado	Frustrado

3. Vícios de linguagem

O tropeço	O correto	A explicação
"O atraso no pagamento <u>implicou</u> em multa"	"O atraso no pagamento <u>implicou</u> multa"	No sentido de "ocasionar" ou "provocar", não pede preposição.
"O laboratório fez o exame e o <u>resultado</u> "	"O laboratório fez o exame e <u>o seu</u> "	"Mesmo" é pronome demonstrativo, não pessoal;

<u>do mesmo</u> será enviado ao paciente."	<u>resultado</u> será enviado ao paciente"	deve dar lugar a "ele" ou outro substantivo.
"Reclame do problema junto a operadora"	"Reclame do problema à operadora"	A locução adverbial "junto a" equivale a "perto de". Não substitui as preposições (no caso, "em").
"Renato, enquanto engenheiro, deixa a desejar"	"Renato, como engenheiro, deixa a desejar"	A conjunção deve ser usada quando se deseja indicar noção de temporalidade, não no lugar da conjunção "como": "Enquanto estudávamos, outros divertiam-se".
"Tipo assim", "a nível de"	Evitar	Configuram uso de gírias ou outros termos que demonstram falta de instrução.
"Governo <u>cria novos</u> empregos"	"Governo cria empregos"	É preciso evitar a tautologia, repetição desnecessária de uma ideia ("Iphan <u>restaura velho</u> casarão") ou de um termo já pronunciado (subir para cima, surpresa inesperada).

4. Crase

Crise

É preciso haver o encontro da preposição "a" com o artigo "a" para que ocorra a contração, a fusão dessas duas vogais, assinalada pelo acento grave indicativo de crase.

A mesma fusão ocorre também na presença da preposição ante os pronomes demonstrativos "aquela", "aquele", "aquilo" e ante o demonstrativo "a".

Há erro de crase, portanto, em situações em que não há a fusão das vogais. "Levei à ela toda a papelada" (leve a + ela).

Aqui, o pronome pessoal "ela" não admite o artigo.

Na prática, a intuição e a generalização de exemplos concretos de crase podem ser mais efetivas que a decoreba de regras. Se intuimos a regra básica de que só se usa crase diante de palavras femininas quando há preposição seguida de artigo, evitamos ocorrências como "à 80 km", "à correr" ou "à

Pedro". Afinal, nunca pensamos em crase com palavras masculinas ou verbos: daí não haver "a lápis", "a contragosto", "a custo".

Se lembramos que o sinal grave também serve para eliminar ambiguidades, evitamos tirar a crase em contextos que pedem, por exemplo, "à beira", "à boca miúda", "à caça".

O mais são regras específicas, em expressões como "a distância" (que só leva crase com distância determinada: "O hotel fica à distância de 10 quilômetros"). Aí não tem jeito: é mesmo preciso memorizar as regras.

5. Dicas de como falar em público

Oratória

Falar bem é mais do que se fazer entender. É saber o contexto em que sua fala será recebida.

A falta de adequação ao nível de formalidade exigido pelo contexto virou um problema de idioma. Há de se preparar o terreno, modificar o conjunto de opiniões e valores prévios, partilhados por quem nos ouve, e só então abrir espaço para a nossa opinião.

Para falar melhor, é preciso, enfim, entender o interlocutor, para não confrontá-lo de imediato. O que não significa fazer o jogo oportunista de quem concorda com tudo. Deve-se criar um campo neutro de conversação, mas que prepare o interlocutor para a opinião que se defenderá. Começar por afirmações com as quais a pessoa concorda sinaliza que não se é adversário, abrindo espaço para o próximo ato. Sem esse esforço prévio, o ouvinte nem teria paciência em nos ouvir.

6. Como organizar o que dizer

Técnica de redação

Começar um assunto, pular o meio, retomar o fio da meada, para depois desviar-se de novo, todo atrapalhado. Sinais como esses mostram desorganização de pensamentos, e esta sinaliza uma falta de objetivos sobre como tratar um assunto. A imagem que fica é de alguém disperso, inseguro, talvez pouco confiável.

Por isso, alguns cuidados prévios.

1 Imagine todos os aspectos negativos de cada afirmação sua. Esteja preparado para responder a cada um desses fatores.

2 Qual a informação compartilhada pelo leitor? Quem nos lê ou escuta não tem obrigação de intuir o que sabemos e pensamos.

É razoável buscar construir, na mente do ouvinte, uma imagem do que se fala. Ao escrever, é preciso ordenar as ideias e os termos da oração (sujeito, predicado, complementos), ter cuidado na escolha de palavras e usá-las em construções sintáticas as mais simples. Organize o que vai dizer, definindo o rumo a seguir após escolher os argumentos que vai usar.

Todo escrito se organiza em torno de um elemento de referência, que lhe dá coesão. A partir dele, todo o resto se posiciona.

Uma ideia deve levar à próxima, sem sobressaltos. Uma afirmação relaciona-se à anterior e à seguinte. Um texto bem escrito não provoca perguntas de preenchimento, em que o leitor tem de voltar ao mesmo trecho para entender o que foi dito.

A CRIAÇÃO DOS ARGUMENTOS

Escolha o seu modo de organizar o que tem a dizer

- Fazer lista de palavras-chave.
- Anotar o que vem à mente, desordenado, então cortar e ordenar.
- Resumir ideias e partir para o detalhe, o exemplo, a ideia secundária.
- Criar 1º parágrafo para desbloquear e desenvolver as ideias nele contidas.
- Escrever a ideia central e as secundárias em frases isoladas para aí interligá-las.
- Criar um sumário ou esquema geral do texto.
- Organizar na mente os blocos do texto para depois estruturá-lo.

7. Vencer o desafio de ser entendido

Clareza

Uma frase perde clareza por má ordenação das ideias e até por pontuação inadequada. Ser claro requer esforço. A linguística mostrou que sentidos se formam no conjunto da enunciação, na composição de coerência e coesão, nos significados configurados na memória.

Há clareza a ser cultivada antes mesmo do primeiro esboço. Afinal, um leitor também "lê" com a memória: ao fim da leitura, improvável que se tenha o texto inteiro radiografado na mente, palavra por palavra. Tende-se a fazer pausas, para que nossa memória de curto prazo forme um resumo do lido até ali. É com essa síntese mental que avançamos a leitura.

Muitos incisos e elementos intercalados fazem o leitor não saber o momento da pausa necessária a seu resumo. Daí o problema com frases longas, excesso de apostos e fatos acumulados, sobreposição de protagonistas e de números. Eles atrapalham a síntese mental. Alguns obstáculos são semânticos: termos raros, dírias, iaraões e formulações desconhecidas ou

pouco acessíveis. Outros são sintáticos:

- Apostos que desarticulam a informação;
- Frágil progressão de tópicos;
- Acúmulos de elementos, ideias e conclusões por frase;
- Anacolutos (iniciar uma coisa, encerrar com outra: "O advogado que não escreve o que diz, não é difícil prever situações de conflito no tribunal");
- Hipérbatos (um termo interrompe o elo de outros dois: "Aguenta a escola pública da iniciativa privada uma concorrência desleal" (em vez de: "A escola pública aguenta da iniciativa privada uma concorrência desleal").
- Pontuação: a ausência ou o deslocamento de sinais muda o sentido, e afeta a clareza. Uma mera vírgula refaz um raciocínio: em "Ele não falou, de alegria" x "Ele não falou de alegria", exemplos de Maria Helena de Nóbrega, da USP, alude-se à disposição emocional do sujeito na primeira frase, e o tema "alegria", na segunda.

8. O inusitado da redação criativa

Criatividade

Criatividade é a habilidade de criar respostas novas, talvez inusitadas, para os problemas de expressão que temos.

É mudar o eixo em que as coisas são apresentadas.

O raciocínio comum, sequencial, funciona dentro de um quadro de referências familiar.

O inventivo associa o domínio inicial de um problema a outro quadro de referências.

O estímulo primário do texto criativo é abastecer-se de informações de variadas fontes, e ter a disciplina de ver sempre que bicho dá o ato de conectá-las.

Pode-se, por exemplo, inserir uma informação antiga em contexto novo, aplicada a problema atual. Ou modificar a relação habitual que há entre duas ou mais coisas ou seres.

O raciocínio sequencial, convergente, tende a viciar a escrita de dois modos:

1 Se o redator foi muito intimidado no processo escolar, pode tornar-se demasiado crítico consigo mesmo ao escrever.

2 Falta de familiaridade com outras soluções: tendemos a moldar nosso

texto a fórmulas que conhecemos.

Por isso, um texto, para ser criativo, deve ser visto como um jogo de xadrez: que movimento devo fazer, qual levaria a que situação e que efeito obterei? Que ideia ou imagem torna palpável o que quero dizer? Ser inventivo é saltar o quadro de referências predominante. Alterar o próprio ponto de vista ou aprofundar o exame de um fenômeno observado. É prestar atenção à informação disponível fazendo um atento exame flexível das implicações dela.

9. O zelo independe do meio

Mensagens eletrônicas

Mensagens eletrônicas são um misto de língua escrita e falada. A redação rápida é, aqui, comparável à fala de improviso. Mas é preciso considerar que a mensagem será lida. Pensa-se e digita-se quase que ao mesmo tempo. Ao ser recebida pelo destinatário, o autor da mensagem não estará fisicamente presente para esclarecer imprecisões e trechos obscuros. Por isso, escrever de maneira rápida exige síntese e releitura, antes do envio.

Muita gente costuma escrever em meios eletrônicos como se estivesse falando despreocupadamente, com frases mal organizadas, sem clareza. O texto tende à informalidade, mas precisa evitar erros que comprometam a imagem do redator.

Como a redação da correspondência empresarial demanda rapidez, os textos devem priorizar a simplicidade, clareza e objetividade. Uma vez que ninguém tem tempo a perder, o vocabulário deve fazer parte da linguagem usual, sem rebuscamentos que tornem a mensagem complicada. Mas simplicidade vocabular não significa repetição exaustiva de termos, abreviações apressadas ou construções truncadas. Para obter concisão, qualquer que seja o meio, deve-se evitar dizer em muitas palavras o que se poderia dizer em poucas.

10. Revisar o próprio texto

Leitura final

Revise cada escrito, do texto a ser publicado ao e-mail mais despretensioso. Na revisão, é preciso fingir ser o próprio leitor de um texto que você fez, para buscar as questões que o rascunho pode ter deixado de fora. O leitor ou ouvinte não deve passar pelas dificuldades que você passou ao ler o próprio original.

- Tenha em mente o projeto de texto que você se propõe.

- Confira se o texto flui ponto a ponto.
- Verifique se afirmações se antecipam a eventuais indagações do leitor.
- Corte o que for irrelevante.
- Não omita informações; não exagere nos detalhes.
- Não insista em fatos de que o leitor já disponha.
- Melhor dispor de forma linear os elementos da frase.
- Não desvie do assunto.
- Veja se os trechos não devem ser distribuídos noutra parte do texto.
- Não repita conectores, muitos "que" para iniciar explicações ou restrições a termos já expostos.
- Busque palavras com sentidos apropriados ao tema.
- Evite usar termos como se fossem sinônimos ou antônimos, mas que não têm real relação semântica.
- Faça revisão gramatical do escrito. Três vezes.
- Quanto terminar, pare.

Concisão on-line

Em vez de	Use
Chegar a uma conclusão	Concluir
Chegar a uma decisão	Decidir
Conduzir uma investigação a respeito	Investigar
Fazer um exame	Estudar
Levar a efeito um estudo	Tentar
Levar a efeito uma tentativa	Repetir

CURIOSIDADES LINGUÍSTICAS

a = exprime distância ou tempo futuro

há = exprime tempo passado

acerca de = sobre, a respeito de

a cerca de = aproximadamente

há cerca de = período aproximado de tempo já transcorrido (faz aproximadamente)

a domicílio = Levamos suas compras a domicílio. (Quem leva, leva a algum lugar)

em domicílio = Entregamos suas compras em domicílio. (Quem entrega, entrega em algum lugar)

a fim de (locução prepositiva) = com vontade de, com a intenção de

a fim de que (locução conjuntiva subordinativa final) = para

afim = afinidade, semelhança

ao encontro de = ser favorável a, aproximar-se de

de encontro a = oposição, choque, colisão

a par = ciente, informado

ao par = câmbio, título ou moeda de valor idêntico

a princípio = no começo, inicialmente

em princípio = em tese, em teoria, teoricamente

ao invés de = ao contrário

em vez de = em lugar de

contudo = mas, porém, todavia, no entanto, entretanto

com tudo = com todas essas coisas, com todos os aspectos apresentados

de mais { # de menos

demais { (advérbio) = muito, excessivamente
(pronome indefinido) = os outros

dentre = no meio de (Sempre se emprega com verbos como sair, tirar, ressurgir. Nos demais casos usa-se entre)

desde = nunca escreva **desde de**

enfim = finalmente, portanto

em fim de = no final de

estada = permanência de alguém em algum lugar

estadia = permanência, por um espaço de tempo, para carregar ou descarregar

face a = Nunca use. Substitua por diante de, em face de, ante, em vista de, perante, em frente de

infarto / **enfarte** = as duas formas são corretas. A forma preferida = **infarto**

mal # bem

mau # bom

mas (conjunção adversativa) = porém, contudo, entretanto

mais # menos

meio = mais ou menos

meia = metade

na medida em que (exprime relação de causa) = porque, já que, uma vez que

à medida que (indica proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual) = à proporção que

nenhum (pronome indefinido) = opõe-se a **algum**

nem um = usa-se quando se quer dar à expressão uma negativa mais enérgica

onde = exprime estabilidade, permanência, lugar em que se está ou em que se passa algum fato

aonde = indica movimento, a que lugar (constrói-se com os verbos **ir**, **chegar**)

o somatório (substantivo masculino) = soma dos termos de uma sequência

perca (verbo) = Perca as esperanças.

perda (substantivo) = Perdas salariais. Evite a **perda** de tempo para que não **perca** dinheiro.

porque (conjunção explicativa ou causal) = pois, já que, uma vez que, como

(conjunção final) = para que, a fim de que

porquê (substantivo) = causa, motivo, razão

por que = por qual razão, por qual motivo

= pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais

por quê = no final de frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências; pois, devido à posição na frase, o monossílabo **que** passa a ser tônico, devendo ser acentuado.

possuir # **ter**, logo, **possuir** (deve ser usado com o sentido de **ter a posse de**, **ser proprietário de alguma coisa**)

senão = a não ser, caso contrário, de outro modo, mas sim

se não (surge em orações condicionais) = caso não, quando não

sequer = pelo menos, ao menos

se quer = (o **se** é conjunção condicional + o verbo **querer**)

sessão = reunião

seção = divisão, repartição

cessão = ato de ceder, doação

tão pouco = muito pouco

tampouco = também não

ter de = indica obrigatoriedade

ter que = indica permissividade

todo o = inteiro, engloba tudo. Todo o país está mobilizado.

todo = qualquer, cada um. Todo homem é mortal.

UMA SIMPLES VÍRGULA PODE MUDAR TUDO!

Vejam só alguns exemplos:

Se o homem soubesse o valor que tem a mulher, ficaria de joelhos à sua frente.
Se o homem soubesse o valor que tem, a mulher ficaria de joelhos à sua frente.

Uma vírgula cria heróis:

"Isso só, ele resolve"

"Isso, só ele resolve"

E vilões:

"Esse, juiz, é corrupto"

"Esse juiz é corrupto"

Pode provocar até uma morte!

"Traga aquele homem vivo, não morto."

"Traga aquele homem vivo não, morto."

BIBLIOGRAFIA

BLIKSTEIN, Izidoro. **Como falar em público**: técnicas de comunicação para apresentações. São Paulo: Ática, 2006.

BRETON, Phillipe. **A argumentação na comunicação**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

BUARQUE, Cristovam. **Os instrangeiros**: a aventura da opinião na fronteira dos séculos. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002.

CASTRO, Adriane Belluci Belório de et al. **Os degraus da produção textual**. Bauru, SP: Edusc, 2003.

_____. **Dos alicerces da leitura à construção do texto**. Bauru, SP: Edusc, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Tradução Angela M.S. Corrêa; Ida Lúcia Machado (coords.). São Paulo: Contexto, 2008.

GOLD, Miriam. **Redação empresarial**. São Paulo: Makron Books, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1985.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1995.

_____; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1995.

MENDES, Eunice. **Técnicas de comunicação para o sucesso empresarial**. São Paulo: SEBRAE. Apostila, s.d.

POLITO, Reinaldo. **Como falar corretamente e sem inibições**. 97. ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

PORTUGUÊS para concursos. Exercícios de coesão textual. Disponível em: <<http://www.portuguesconcurso.com/2009/10/exercicios-de-coesao-textual.html>> Acesso em: 03ago. 2014.

SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro et al. **Os degraus da leitura**. Bauru, SP: Edusc, 2000.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luís. **Para entender o texto**: leitura e redação. 5. ed. São Paulo: Ática, 1992.

VIANA, Antonio Carlos (coord.) et al. **Roteiro de redação**: lendo e argumentando. São Paulo: Scipione, 1998.